

**Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação  
Formação Intercultural de Educadores Indígenas**

**RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA E PANDEMIA DE COVID-19  
NA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA BUKINUK  
ALDEIA XAKRIABÁ SUMARÉ II**

**Belo Horizonte,  
2023.**

Celma Pereira dos Santos Carneiro  
Fabiana pereira dos Santos

Relação família-escola e Pandemia de Covid-19  
na Escola Estadual Indígena Bukinuk  
Aldeia Xakriabá Sumaré II

Percurso acadêmico apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Ciências da Vida e da Natureza pela Formação Intercultural de Educadores Indígenas.

Orientadora: Bárbara Bruna Moreira Ramalho

Belo Horizonte,  
2023.

## **AGRADECIMENTOS**

### ***Agradecimentos Celma***

Agradeço, primeiramente, a Deus  
Por ter me ajudado a chegar até aqui  
Ter me dado força e coragem  
E não me deixado desistir

Aos meus pais, José e Clarinda,  
Por sempre me apoiar  
Não mediam esforços quando precisavam me ajudar  
Cuidando sempre com muito carinho da minha filha  
Toda vez que eu precisei ir para Belo Horizonte estudar

Do meu esposo, Marcelo,  
Não poderia esquecer  
Sempre me incentivando a continuar a caminhar  
Cuidava da minha filha, Isabelly, e também do meu lar  
Me apoiando nas decisões não me deixando desanimar

Agradeço aos meus irmãos por em mim acreditar  
Me falando: “Vá em frente para seus sonhos realizar!”  
E: “Você consegue os seus objetivos um dia alcançar!”

Às minhas cunhadas e sobrinhos  
Deixo aqui a minha imensa gratidão  
Não esquecendo dos meus amigos no trabalho  
Que me ajudaram dando força e atenção  
Me ajudando toda vez que precisei da escola me ausentar

À minha sogra e ao meu sogro que também nessa jornada me ajudou  
Pois toda vez que precisei viajar para Belo Horizonte  
Foram eles quem da minha filha também cuidou

Aos meus amigos do Curso deixo aqui minha gratidão  
Por ter sido sempre atenciosos e com muita dedicação  
Com vocês aprendi ainda mais sobre o quanto é importante a união  
A família Xakriabá foi para mim uma fonte de inspiração

A todas as turmas da família FIEI quero aqui agradecer  
Pela parceria e atenção que tiveram no decorrer  
Aos parentes Pataxó e Tucano que no curso pude conhecer  
Adquiri experiências que jamais poderei esquecer

Professores e bolsistas de vocês o que poderei dizer?  
Vocês foram como uma família que jamais poderei esquecer!  
Sempre dedicados e com um compromisso exemplar

Não mediam esforços para seus alunos ajudar

Tenham certeza de que aprendi muito nesse caminhar  
Foram conhecimentos que para minha comunidade vou levar  
Momentos de muitas alegrias parcerias e amizades de coração  
E, portanto, por aqui deixo mais uma vez minha imensa gratidão

Obrigada às lideranças que sempre nos apoiou  
A todos os entrevistados que fizeram nossa pesquisa caminhar  
Nos ajudou e apoiou o tema do Percurso desenvolver  
Vocês foram muito importantes e não poderia deixar de agradecer

À minha orientadora, Bárbara Ramalho,  
Quero aqui agradecer  
Por toda ajuda que nos deu em nosso TCC  
Você foi como um anjo que nos ajudou a prosseguir  
Sempre muito paciente e nos incentivando a seguir

Para finalizar tenho que nesse agradecimento citar  
Os meus queridos alunos que me deram inspiração para continuar  
Com vocês eu aprendi que ser professor vai além do ensinar  
Vocês foram muito importantes nesse meu caminhar!

ARYANTÃ!

## ***Agradecimentos Fabiana***

Agradeço ao meu Deus pela minha vida e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho.

Agradeço aos meus pais, Faustina e Jesuíno, que já se foram, mas continuam sendo minha maior inspiração.

Também agradeço à minha comadre Celma que sempre me ajudou desde o início deste projeto de pesquisa. Sem ela eu não estaria aqui. Gratidão por tudo que fez por mim!

Ao meu marido agradeço o apoio por estar sempre ao meu lado me incentivando, nos bons e maus momentos.

Agradeço aos meus filhos, Miguel e Théo, que foram a minha maior inspiração para não desistir e chegar até aqui.

Agradeço aos meus irmãos pelo companheirismo, pela cumplicidade e pelo apoio em todos os momentos delicados da minha vida.

À minha sogra, Catarina, sou grata por ter me ajudado a cuidar do meu filho Miguel quando tive que me deslocar da aldeia para Belo Horizonte.

Aos meus colegas de curso agradeço pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como estudante.

Aos professores sou grata pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso.

À orientadora Bárbara agradeço por toda orientação, pela ajuda e pela paciência com a qual guiaram o meu aprendizado.

À instituição de ensino da UFMG, que foi essencial no meu processo de formação profissional, agradeço pela dedicação e por tudo o que aprendi ao longo dos anos do curso.

Às entrevistadas, muito obrigada pela participação e conhecimentos compartilhados e que nos ajudou muito na conclusão do Percurso.

A todos que participaram, direta ou indiretamente, do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa enriquecendo o meu processo de aprendizado, meu muito obrigada!

ARYANTÃ KANKEHE AKWÃ!

## **Resumo**

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada sobre o funcionamento da Escola Estadual Indígena Bukinuk, Aldeia Xakriabá Sumaré II durante a Pandemia de Covid-19. No estudo, buscamos conhecer melhor essa experiência, com ênfase no debate sobre a relação família-escola e sua importância no que diz respeito à garantia do direito à educação. Nos interessou, assim, compreender as parcerias firmadas entre os profissionais da educação e os familiares dos estudantes durante esse período. Para tanto, entrevistamos gestoras, professoras, estudantes e mães da escola. O objetivo dessa pesquisa é não deixar esse momento, que foi tão marcante, ficar apenas na memória de quem o presenciou. Consideramos importante que gerações futuras conheçam como esse período foi, ao mesmo tempo, desafiador e cheio de novas aprendizagens. Sob essa perspectiva, buscamos registrar os impactos negativos e também o que se conseguiu obter como pontos positivos a partir da experiência vivida.

**Palavras-chave:** Covid-19 e educação; relação família-escola; direito à educação escolar indígena

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Celma Pereira dos Santos Carneiro .....	12
Figura 2 - Fabiana Pereira dos Santos .....	14
Figura 3 - Fernanda Gonçalves de Oliveira - Supervisora Pedagógica. Fonte: Acervo das pesquisadoras.....	22
Figura 4 - Luciana Alexandre Leite da Cruz - Diretora. Fonte: Acervo das pesquisadoras.....	22
Figura 5 - Edilene dos Santos Araújo - Professora. Fonte: Acervo das pesquisadoras.....	23
Figura 6 - Marlene de Souza Carneiro - Mãe estudante. Fonte: Acervo das pesquisadoras.....	24
Figura 7 - Catarina Gonçalves de Araújo - Mãe estudante. Fonte: Acervo das pesquisadoras.....	24
Figura 8 - Thais Meire de Souza Carneiro - Estudante. Fonte: Acervo das pesquisadoras.....	25
Figura 9 - Thais Meire de Souza Carneiro - Estudante. Fonte: Acervo das pesquisadoras.....	25
Figura 10 - Mapa do território Xakriabá. Fonte: PGTA, 2016. ....	26
Figura 11 - Mapa aldeias Xakriabá. Fonte: PGTA, 2016.....	27
Figura 12 - Mapa aldeias Xakriabá. Fonte: Pereira (2013). ....	30
Figura 13 - Mapa Aldeia Sumaré II. Elaboração: Vanderlei Moreira Silva. Fonte: Acervo das pesquisadoras.....	31
Figura 14 - Conjunto de imagens dos quintais da Aldeia Sumaré II. Fonte: Acervo das pesquisadoras. ....	33
Figura 15 - Conjunto de imagens referentes à produção de farinha no território Xakriabá. Fonte: Acervo das pesquisadoras.....	34
Figura 16 - Posto de Saúde. Fonte: Acervo das pesquisadoras. ....	35
Figura 17 - Conjunto de imagens da Associação Indígena Xakriabá das Aldeias Sumaré e Peruaçu - Foto 1 - Casa de reuniões; Foto 2 - Galpão armazenamento de frutos e polpas. Fonte: Acervo das pesquisadoras. ....	36
Figura 18 - Conjunto de imagens do prédio antigo da Escola Estadual Indígena Bukinuk – Sumaré II. Fonte: acervo das pesquisadoras. Fonte: Acervo das pesquisadoras.....	38
Figura 19 - Conjunto de imagens do prédio novo da Escola Estadual Indígena Bukinuk – Sumaré II. Fonte: Acervo das pesquisadoras. ....	39
Figura 20 - Conjunto de imagens horta Escola Estadual Indígena Bukinuk – Sumaré II. Fonte: Acervo das pesquisadoras.....	40
Figura 21 - Conjunto de imagens de materiais informativos sobre a Covid-19. Fonte: Acervo das pesquisadoras. ....	48
Figura 22 - Imagens ação de controle da circulação de pessoas na aldeia Sumaré III. Fonte: Acervo das pesquisadoras.....	49



## SUMÁRIO

<b>I. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>19</b>
<b>II. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS .....</b>	<b>20</b>
<b>2.1. AS INTERLOCUTORAS.....</b>	<b>21</b>
<b>III. CONTEXTO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA .....</b>	<b>26</b>
<b>3.1. O TERRITÓRIO XAKRIABÁ .....</b>	<b>26</b>
<b>3.2. ALDEIA SUMARÉ II .....</b>	<b>29</b>
<b>3.3. ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA BUKINUK – SUMARÉ II.....</b>	<b>37</b>
<b>IV. O DIREITO À EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E A PANDEMIA DE COVID-19 .....</b>	<b>42</b>
<b>4.1. O POVO XAKRIABÁ E O DIREITO À EDUCAÇÃO ESCOLAR AO LONGO DA HISTÓRIA.....</b>	<b>42</b>
<b>4.2. O DIREITO À EDUCAÇÃO ESCOLAR E A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA NA ALDEIA SUMARÉ II DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 .....</b>	<b>45</b>
4.2.1. A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA BUKINUK.....	46
4.2.3. A CHEGADA DA COVID-19 E A PARCERIA FAMÍLIA-ESCOLA PELO DIREITO À EDUCAÇÃO.....	49
4.2.4. DESAFIOS ENFRENTADOS.....	53
4.2.5. APRENDIZADOS CONSTRUÍDOS .....	54
4.2.6. CAMINHOS A SEREM TRILHADOS .....	56
<b>V. CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>58</b>
<b>REFÊRENCIAS.....</b>	<b>60</b>

## **QUEM SOMOS?**

Decidimos fazer este trabalho de pesquisa juntas, pois moramos na mesma aldeia, trabalhamos na mesma escola e estamos sempre juntas na realização das atividades dentro da aldeia e também nos estudos no FIEI . Escolhemos juntas o tema de pesquisa que foi um assunto com o qual, por sermos professoras da Escola Estadual Indígena Bukinuk, estivemos envolvidas durante o período da Pandemia. As mudanças na rotina escolar na nossa aldeia nos fizeram despertar um grande interesse de conhecer melhor e registrar como foi a experiência dos estudos fora da sala de aula na percepção de professores professores, mas também de alunos e de famílias.

### **Celma Pereira dos Santos Carneiro**

Eu sou Celma Pereira dos Santos Carneiro, sou casada, tenho uma filha que se chama, Noemily Isabely , e moro na aldeia Sumaré II na reserva indígena Xakriabá, no Município de São João das Missões, norte do Estado de Minas Gerais. Sou filha de José Pereira dos Santos e Clarinda Caetana de Souza Santos, residentes da aldeia Sumaré II . Sou professora desde 2015 das turmas do 6° ao 9° ano do Ensino Fundamental na Escola Estadual Indígena Bukinuk na aldeia II.

Sempre morei na aldeia Sumaré 02, onde tive o privilegio de poder concluir meus estudos na Escola Estadual Indígena Bukinuk . Toda essa jornada começou por volta dos meus sete anos de idade, quando dei inicio aos meus estudos. No começo foi um pouco difícil, pois estava aprendendo a conhecer as primeiras palavras e os números. Mas, com o passar do tempo, fui aprendendo cada vez mais .

Quando eu estava na quarta série do Ensino Fundamental os professores tiveram que nos colocar para estudar debaixo de um pé de manga, porque, naquela época, não havia salas de aula para atender a todos os alunos da escola ,então eles colocavam os alunos maiores para estudar fora da sala. Foi um período em

que tive muitas dificuldades, principalmente no tempo da chuva que precisávamos ficar todos apertados nas salas. Mesmo diante das dificuldades conseguimos aprender muitas coisas .

Meus pais e professores foram sempre o meu maior incentivo nessa importante jornada. Eles sempre me diziam para nunca desistir, já que tinha conhecido uma luta para que hoje pudéssemos dar continuidade aos estudos, nos formando e fazendo faculdade para nos tornarmos médicos, professores, entre outros. Essas conquistas foram por meio de muita força de vontade e da persistência. Tudo é uma grande vitória adquirida na nossa educação indígena.

Ao longo de minha vida, tive muitas aulas maravilhosas além do ensino de livros, pois a nossa aprendizagem também foi muito na natureza.

Em 2008, concluí o nono ano do Ensino Fundamental e tive que passar a estudar na escola da Aldeia Sumaré I. Essa escola ficava distante da minha casa, e nela estudei durante três anos até concluir, em 2011, o terceiro ano do Ensino Médio. Essa foi uma experiência muito boa, pois nessa escola estudei disciplinas novas e tive professores e colegas muito legais .

Em 2015, recebi a proposta da liderança de minha aldeia, senhor João e seu filho Valdemir, para trabalhar na licença maternidade de uma professora que trabalhava na Escola Estadual Indígena Bukinuk em minha aldeia. Essa foi uma oportunidade muito importante para mim, pois sempre tive interesse de ser professora .

Em 2016, surgiu outra vaga nessa escola para continuar trabalhando e a partir venho trabalhando como docente do quinto ao nono ano do Ensino Fundamental nessa instituição

Durante essa jornada de trabalho na escola busquei também, em 2018, fazer o curso de Pedagogia na cidade de Itacarambi, MG, na instituição Anhanguera Educacional. Todas as segundas-feiras eu estudava quatro horas da tarde até

às dez horas da noite. Foram muitos os desafios enfrentados, como os perigos no caminho e também as dificuldades em conciliar os estudos da Pedagogia, da Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), trabalho e família. Ainda assim eu consegui concluir esse curso e me formar em Pedagogia .

Antes de concluir o curso de Pedagogia fui tentar fazer a prova do FIEI no curso de Ciências da Vida e da Natureza. Esse sempre foi um grande sonho para mim. Fiz a prova na aldeia Barreiro Preto e fui uma das selecionadas. Esse foi um momento de muita emoção e uma grande realização para mim. Agarrei essa oportunidade e não desanimei com as dificuldades.

Em 2019, fui pela primeira vez para Belo Horizonte estudar e conheci muitas pessoas maravilhosas e obtive muitos conhecimentos. Devido à Pandemia, por um período, tivemos que dar continuidade aos estudos *online*. Durante a minha trajetória como estudante do FIEI também surgiu a oportunidade para participar do PIBID - Programa Institucional de Iniciação à Docência -, contexto em que obtive muitas experiências e participei de muitas atividades interessantes.



*Figura 1 - Celma Pereira dos Santos Carneiro*

## **Fabiana Pereira dos Santos**

Eu sou ,Fabiana Pereira dos Santos, nasci no ano de 1996 e moro na aldeia Sumaré II, território Indígena Xakriabá, localizado no município de São João das Missões no Norte de Minas Gerais. Sou filha de Jesuíno pereira dos santos e Faustina Ferreira da Cruz, tenho seis irmãos, sou casada com Anésio Gonçalves de Araújo e tenho um filho, Miguel Pereira Araújo.

Passei toda minha infância na aldeia Sumaré III, onde vivenciei momentos muito bons com a família e amigos. Lembro que quase todos os dias eu e minha família nos reuníamos na casa da minha avó, Ilaria, para ouvi-la contar histórias em volta de uma fogueira. Esse momento era um momento bom e repleto de aprendizagens!

Eu não tive o privilégio de poder conviver com meus pais por muito tempo. Quando eu tinha dez anos de idade minha mãe faleceu e depois de alguns anos também perdi meu pai. A partir daí, passei a viver com minhas irmãs, Cleuda Pereira dos Santos e Elizabete Pereira dos Santos, na aldeia Sumaré III. Foi muito difícil ter que sobreviver sem nossos pais, mas graças ao meu pai Tupã, que nunca nos abandonou, conseguimos sobreviver sempre no caminho certo e valorizando os nossos costumes e princípios.

Dei início aos meus estudos aos sete anos de idade, na escola Estadual Indígena Bukinuk na aldeia Sumaré II, pois era mais próximo da minha casa. Nesse período, fiz muitas amizades e fui me alfabetizando com professores indígenas. Nessa escola pude estudar até o novo ano do Ensino Fundamenta e depois, durante o Ensino Médio, fui estudar na aldeia Sumaré I. Isso porque na aldeia Sumaré II não tinha essa etapa da Educação Básica. Essa mudança de escola dificultou muito para mim, pois eu morava muito longe e, na maioria das vezes, o ônibus não nos levava. Algumas vezes eu tinha que dormir na casa das minhas amigas para conseguir ir à escola. Mas, graças a Deus, consegui concluir o terceiro ano em dezembro de 2015 , o significou para mim uma grande conquista.

Sempre gostei de ser participativa nos eventos ou reuniões na comunidade como, por exemplo, nas assembleias e nas noites culturais. Na minha comunidade sempre as pessoas sempre se reúnem para fazer atividades coletivas para fortalecer ainda mais nossa cultura. os cantos, as brincadeiras, as rezas e os versos (loas). Todas essas, tradições do povo Xakriabá.

Tenho muito respeito e admiração pelo trabalho dos cacique e lideranças e pelos nossos mais velhos. Eles sempre nos mostraram que não podemos desistir de lutar, pois isso é essencial para que nossos direitos sejam reconhecidos.

Em 2015, me casei e, desde então, passei a viver com meu esposo na aldeia Sumaré II. Em 2018, tivemos o nosso primeiro filho e esse foi o evento mais feliz das nossas vidas.

Em 2019, fui escolhida liderança da minha aldeia para atuar como professora no Programa Mais Educação e, portanto, no educação integral na Escola Estadual Indígena Bunkinuk da aldeia Sumaré II. Trabalhei nessa função por um ano.

Em 2020, continuei como professora da escola, mas cobrindo uma licença maternidade. Já em 2021, fui escolhida pela liderança para trabalhar como professora de cultura nessa mesma escola. Desde então tenho atuado com as turmas do quarto e do quinto ano do Ensino Fundamental.

Em 2019, fiz, pela segunda vez, a prova para o curso de formação de professores indígenas da UFMG. Graças a Deus, consegui ingressar no FIEI, na área de Ciências da Vida e da Natureza. Foi muito gratificante receber essa notícia Ter passado nessa universidade e foi muito importante para mim, foi um dos momentos mais felizes da minha vida.

No início do Curso pensei que não iria conseguir ficar longe do meu filho, que era tão pequeno – ele só tinha um ano e o pai seu estava trabalhando fora da aldeia trabalhando. Quando chegou no dia de ir para Belo horizonte o meu coração ficou pequenininho de dor por ter deixado meu pequeno.

Ao chegar na UFMG tudo era tão diferente que demorei uns dias para me acostumar. Eram tantos carros, tantos barulhos, a comida era tão diferente que a primeira semana de curso me pareceu uma eternidade. Mas consegui concluir esse primeiro Módulo e conheci pessoas, povos e aldeias diferentes. Os professores foram incríveis, nos tratando muito bem, com respeito, carinho e muita dedicação.

Em 2020, veio a Covid-19 e foi decidido que não iríamos mais para Belo Horizonte porque ainda não havia vacina para controlar a contaminação pelo coronavírus. Durante esse período em que realizamos estudos *online*, participei junto, com mais sete colegas do PIBID, Programa Institucional de Iniciação à Docência e muito muito bom! Por meio dessa atividade pude ter momentos de muita aprendizagem com os colegas.



*Figura 2 - Fabiana Pereira dos Santos*

## **PALAVRAS INICIAIS**

O trabalho que apresentamos aqui tematiza estratégias desenvolvidas em nosso território com vistas à garantia do direito à educação dos estudantes no contexto de Pandemia de Covid-19. Não poderíamos, entretanto, tratar dessa questão sem antes compartilhar um pouco como a nossa trajetória acadêmica, que também foi afetada por esse momento.

A nossa trajetória de estudos durante a Pandemia foi marcada por muitas mudanças. Nós também tivemos que passar a estudar remotamente. Devido ao intenso contágio das pessoas pelo coronavírus, durante muito tempo não foi possível nos deslocarmos para Belo Horizonte para estudarmos. Assim, ficamos do primeiro semestre de 2020 até o primeiro semestre de 2022 com aulas remotas, tendo o primeiro Módulo pós-Pandemia acontecido no segundo semestre letivo de 2022.

Como na escola de nossa aldeia, na Formação Intercultural para Educadores Indígenas os professores tiveram que se organizar para preparar aulas remotas e para que todos os alunos fossem atendidos da melhor forma possível. Os docentes tiveram que se planejar para que não ficássemos sem a continuidade dos estudos. E nós tivemos que nos adaptar a estudar em uma plataforma de ensino *online* e a realizar atividades remotas. Nesse tempo foram propostos muitos trabalhos – leituras e atividades – e realiza-los foi muito difícil.

Mas nós não desanimamos e realizamos nossas atividades com muita dedicação. Para a realização das tarefas procuramos sempre nos unirmos a outros estudantes de modo que um pudesse ajudar o outro. Sempre que um colega apresentava dificuldades, seja por problemas na internet ou de saúde, nós buscávamos apoiá-lo.

Nós da turma Ciências da Vida e da Natureza (CVN) nos sentimos muito prejudicados por essa Pandemia, pois o seu início coincidiu com um momento em



que ainda estávamos em uma fase inicial do Curso e começando a conhecer os espaços da Formação Intercultural para Educadores indígenas.

A realização do Estágio de maneira remota foi especialmente desafiadora para nós. Mas, mesmo diante das dificuldades, conseguimos alcançar um resultado, apresentando a trajetória percorrida no primeiro Intermódulo realizado pós-Pandemia, na aldeia Sumaré I em maio de 2022.

Foi também desafiador realizar o processo de escolha do tema de pesquisa para o Percurso Acadêmico sem o contato presencial com os professores e com os nossos colegas. Ainda mais difícil foi realizar a pesquisa com o número de casos de pessoas infectadas pela doença ainda muito altos no Brasil, no mundo e no nosso território, como foi o caso de quando demos início ao trabalho de campo, em dezembro de 2021.

Para nós tudo isso foi muito, muito desafiador, porque dependíamos das ferramentas tecnológicas para estudar e não tínhamos domínio desses instrumentos. O acesso à internet também era difícil em nossa comunidade, o que fazia com que, muitas vezes, não conseguíssemos participar das aulas. Além disso, foi difícil conciliar estudos, trabalho e as demandas dentro da nossa comunidade. Foi muito angustiante!

Tivemos o privilégio de estudar com professores muito bem-preparados e dedicados aos estudantes. Isso foi muito importante nesse momento de adaptações e das muitas dificuldades que houve com a Covid-19. No entanto, podemos dizer que essa foi uma experiência de muita resistência já que os estudos presenciais são fundamentais para nós. O ensino presencial nos proporciona, por exemplo, vivenciar com outros povos diferentes conhecimentos que nos possibilitam um aprendizado muito rico.

Sem romantizar o período que vivemos, percebemos que a Pandemia nos ensinou a sair da nossa zona de conforto para buscarmos aprimorar mais nossos conhecimentos. Assim, esse período nos possibilitou aprender que, mesmo

diante das dificuldades ,podemos nos reinventar e, assim, procurar sempre melhorar.

## I. INTRODUÇÃO

Considerando as transformações que ocorreram no funcionamento das escolas durante o período da Pandemia, mudanças essas que vão do planejamento das aulas às formas de estudo dos alunos, mas que passam também pela comunidade escolar, optamos neste Percurso por buscar compreender as configurações da relação família-escola no contexto de Pandemia de Covid-19 e seu impacto na seguridade do direito à educação das crianças e jovens Xakriabá.

Um dos maiores motivos para termos escolhido dedicar a nossa pesquisa de Percurso a esse tema diz respeito ao nosso envolvimento com a educação escolar, principalmente nesse momento pandêmico. Vendo todos os acontecimentos e, mais do que isso, vivenciando, como professoras das Escola Estadual Indígena Bukinuk, importantes experiências durante todo o período de ensino remoto, decidimos aprofundar na discussão.

Saber das dificuldades enfrentadas na parceria entre famílias e escolas, mas também dos caminhos construídos por esses atores para promover o aprendizado das crianças despertou em nós um interesse muito grande de deixar essa experiência registrada. Afinal, não poderíamos deixar esse momento ficar apenas na memória de quem vivenciou o processo.

Há de se destacar também que desde o início do curso nós já tínhamos a certeza de que a nossa pesquisa abordaria algum tema no campo da educação, área em que atuamos há muitos anos e a que nos dedicamos muito amor.

O trabalho aqui apresentado está organizado em três capítulos acrescidos da introdução e das considerações finais. Assim, no tópico que se segue a este serão compartilhadas as estratégias metodológicas mobilizadas para a construção dos dados. Em seguida, apresenta-se o contexto de realização da pesquisa. A última seção é inteiramente dedicada ao debate sobre relação família-escola e o direito à educação na aldeia indígena Xakriabá Sumaré II durante Pandemia de Covid-19.

## II. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Para a realização desta pesquisa, entre os meses de dezembro de 2021 e fevereiro de 2023, realizamos entrevistas semiestruturadas com: Luciana Alexandre Leite da Cruz, diretora da escola Estadual Indígena Bukinuk, que enfrentou os desafios desse momento; Fernanda Gonçalves de Oliveira da Cruz, especialista em Educação Básica, que durante o ensino remoto orientava os professores quanto às adaptações a serem feitas; Edilene dos Santos Araújo, professora do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos; Thais Meire de Souza Carneiro e Naiara Gonçalves de Araújo, estudantes do nono ano do Ensino Fundamental durante o período pandêmico; e Marlene de Souza Carneiro e Catarina Gonçalves de Araújo, suas respectivas mães e que tiveram ativa participação nas atividades da escola durante o período da Pandemia.

Antes de realizar a pesquisa conversamos com a diretora da escola, Luciana Alexandre Leite da Cruz, e também com a liderança da nossa aldeia, Valdemir Gonçalves Leite, que autorizaram a realização do estudo. Posteriormente, convidamos os potenciais interlocutores da investigação para participarem de uma entrevista. Tivemos um retorno muito bom de todos os convidados, o que nos permitiu realizar este Percurso. Muitos desses sujeitos, inclusive, nos disseram da importância de registrar esse momento que marcou a vida de muitas famílias, professores e alunos.

No início da investigação tivemos que fazer algumas entrevistas *online*, pois o coronavírus ainda estava presente na aldeia. As entrevistas com Luciana e Fernanda, por exemplo, foram realizadas via *WhatsApp*. A partir de um encontro que tivemos com elas foi decidido que, inicialmente, as perguntas do nosso roteiro de entrevista seriam respondidas por meio de mensagens de áudio no aplicativo de trocas de mensagens e que posteriormente, havendo necessidade, marcaríamos um encontro presencial.

Já com Fernanda e Edilene o processo se deu de forma invertida: iniciamos as entrevistas presencialmente, o que possibilitou uma troca de informações muito boa, e em seguida demos continuidade à conversa por meio de trocas de mensagens de texto pelo WhatsApp.

Após a vacinação e o maior controle da Pandemia pudemos realizar entrevistas presenciais com as estudantes e suas mães que, na época, estavam matriculadas na Educação de Jovens e Adultos da Escola Estadual Indígena Bukinuk. Assim, tivemos uma roda de conversas com as mesmas na qual utilizamos como ferramenta de registro de áudio o celular. Após a conversa as entrevistas foram transcritas.

Antes de realizar as entrevistas tivemos uma conversa com cada uma das interlocutoras sobre o nosso tema de pesquisa. Nesse diálogo inicial perguntamos se elas aceitavam ser entrevistadas e se nos autorizavam a usar seus nomes, e fotografias na pesquisa. Todas as participantes responderam positivamente às perguntas e afirmaram que achavam muito importante o tema do nosso Percurso. Elas destacaram ainda como ponto positivo a nossa dedicação em não deixar esse momento apenas na memória de algumas pessoas e, mais do que isso, possibilitar, por meio do registro por escrito, que as gerações futuras possam conhecer um pouco dessa desafiadora jornada que vivenciamos na educação.

## **2.1. AS INTERLOCUTORAS**

Apresentamos a seguir, brevemente e por meio de suas próprias palavras, as participantes desta pesquisa.

*Eu sou Fernanda Gonçalves de Oliveira da Cruz, tenho 35 anos e atuo como Supervisora Pedagógica há 11 anos na Escola Estadual Indígena Bukinuk.*



*Figura 3 - Fernanda Gonçalves de Oliveira - Supervisora Pedagógica. Fonte: Acervo das pesquisadoras.*

*Meu nome é Luciana Alexandre Leite da Cruz e nasci no dia 11/ 01 /1989. Fui professora e agora sou diretora da Escola Estadual Indígena Bukinuk*



*Figura 4 - Luciana Alexandre Leite da Cruz - Diretora. Fonte: Acervo das pesquisadoras.*

*Eu me chamo Edilene dos Santos Araújo, tenho 35 anos, sou professora há onze anos, sendo sete deles na Escola Estadual Indígena Xakriabá Bukinuk – Sumaré II.*



*Figura 5 - Edilene dos Santos Araújo - Professora. Fonte: Acervo das pesquisadoras.*

*Eu sou Marlene de Souza Carneiro. Nascida no dia 05/10/1973, sou casada com José Fernandes Carneiro. Moro na aldeia Sumaré II, município de São João das Missões Norte de Minas Gerais. Tenho cinco filhos, sendo uma delas Thais Meire, que também está participando dessa pesquisa.*



*Figura 6 - Marlene de Souza Carneiro - Mãe estudante. Fonte: Acervo das pesquisadoras.*

*Eu me chamo Catarina Gonçalves de Araújo, tenho 55 anos e sou a mãe da Naiara Gonçalves de Araújo. Sou casada e tenho mais seis filhos. Sou estudante da Educação de Jovens e Adultos da Escola Estadual Indígena Bukinuk, na aldeia Sumaré II.*



*Figura 7 - Catarina Gonçalves de Araújo - Mãe estudante. Fonte: Acervo das pesquisadoras.*

*Meu nome é Naiara Gonçalves de Araújo e sou nascida no dia 26/11/ 2006. Sou filha de Antônio Fernandes de Araújo e Catarina Gonçalves de Araújo. Moro na aldeia Sumaré II e estudo na escola Estadual Indígena Bukinuk - Sumaré 02*





*Figura 8 - Thais Meire de Souza Carneiro - Estudante. Fonte: Acervo das pesquisadoras.*

*Meu nome é Thais Meire de Souza Carneiro e sou nascida no dia 21/03/2007. Sou filha de José Fernandes Carneiro e de Marlene de Souza Carneiro. Estudei na aldeia Sumaré II na Escola Estadual Indígena Bukinuk desde meus quatro anos de idade, estando, no ano de 2023, no segundo ano do Ensino Médio. Sempre estudei na escola do Sumaré II e tenho muito orgulho e carinho por todos que fizeram parte dessa minha trajetória escolar.*



*Figura 9 - Thais Meire de Souza Carneiro - Estudante. Fonte: Acervo das pesquisadoras.*

### III. CONTEXTO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

#### 3.1. O TERRITÓRIO XAKRIABÁ<sup>1</sup>

O território Xakriabá está situado no município de São João Das Missões, na região Norte do estado de Minas Gerais. Mais especificamente, esse território é formado por uma única faixa de terra que faz divisa com os municípios de Januária, Itacarambi, Miravânia e Manga. Somos, atualmente, uma população de aproximadamente 12 mil indígenas e vivemos em um território com cerca de 53 mil hectares de área demarcada, podendo chegar num total de 96 mil hectares, com as áreas que estão em processo de retomada.

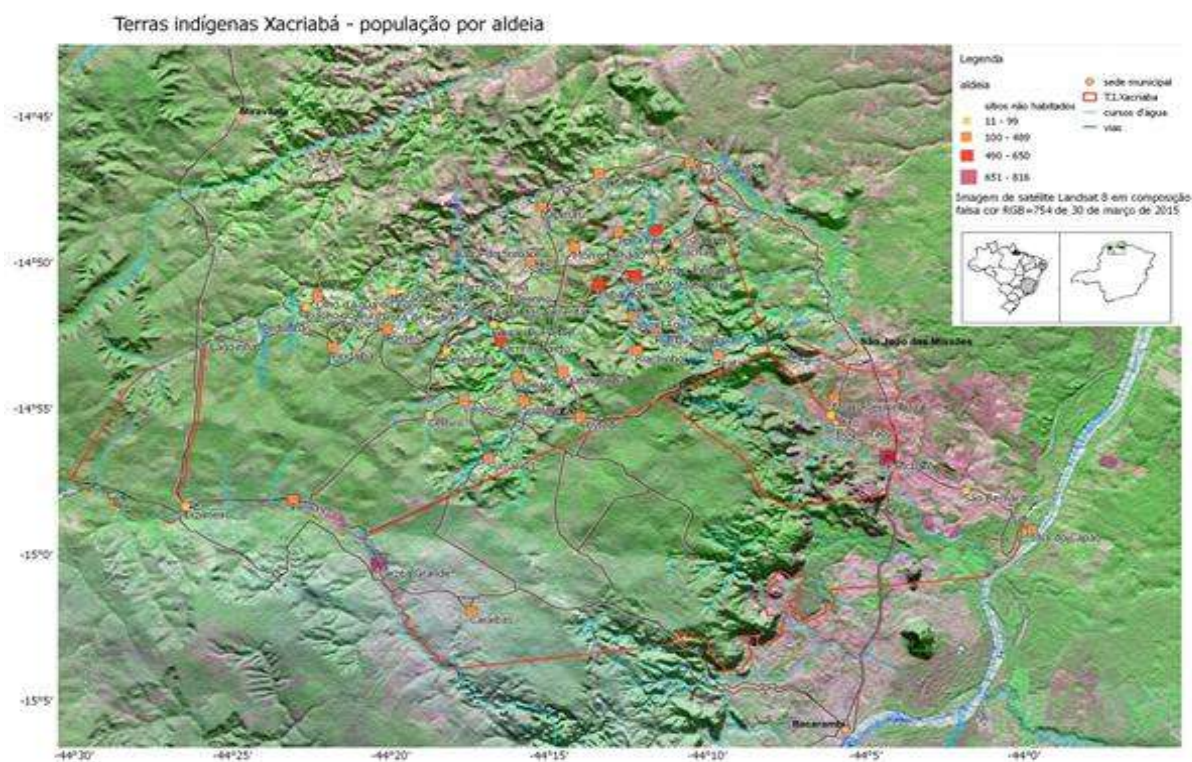


Figura 10 - Mapa do território Xakriabá. Fonte: PGTA, 2016.

1 O povo Xakriabá tem uma história de muita luta e resistência pelo direito ao território e pela vida. Essa história tem sido escrita e registrada de forma coletiva pelos Xakriabá e tem sido contada nos diferentes Percursos apresentados na Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI). Ao registrar essa elaboração que vem sendo construída a muitas mãos, buscando trazer também reflexões nossas, esperamos colaborar para que as novas gerações conheçam os fatos e valorizem ainda mais nossa cultura e nossa luta. Sob essa perspectiva, desejamos que outros estudantes do FIEI possam dar continuidade a essas reflexões.

Hoje, nossa terra está organizada em, aproximadamente, 42 aldeias e sub-aldeias, sendo elas: Brejo Mata Fome, Tenda/Rancharia, Morro Vermelho, Boqueirão, Prata, Custódio, Caatinguinha, Riachinho, Riacho Comprido, Olho D'aguão, Imbaúba I, Imbaúba II, Pedra Redonda, Riachão, Riacho do Brejo, Terra Preta, Morro Falhado, São Domingos, Santa Cruz, Itapicuru I, Itapicuru II, Sapé, Brejinho, Barreiro Preto, Sumaré I, Sumaré II, Sumaré III, Vargens, Poções, Barra do Sumaré I, Barra do Sumaré II, Itacarambuzinho, Forges, Riacho dos Buritis, Pedrinhas, Peruaçu, Pindaíbas, Vargem Grande, Caraíbas, Dizimeiro, Veredinha, Olhos D'água dos Pimentas.

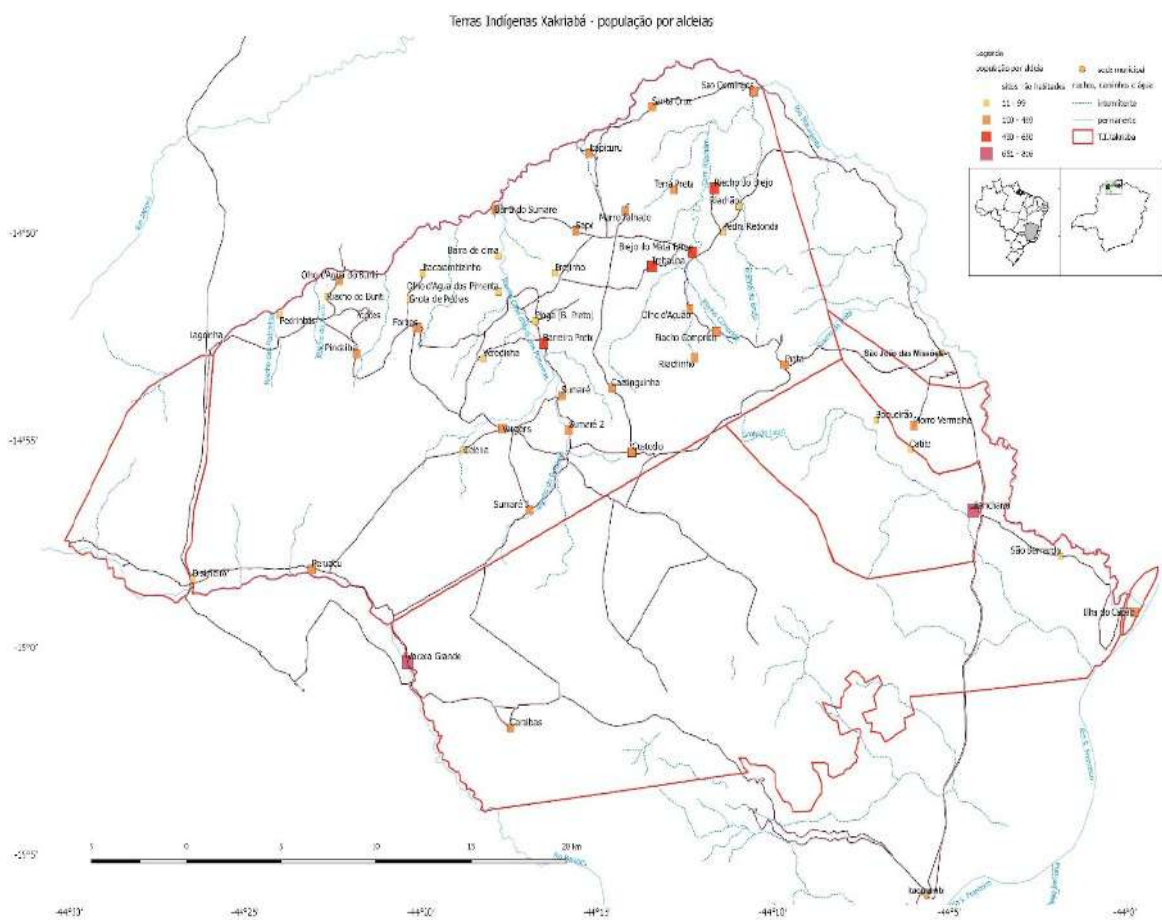


Figura 11 - Mapa aldeias Xakriabá. Fonte: PGTA, 2016.

O território possui uma vegetação variada de tabuleiro, cerrado, caatinga e matas. São algumas espécies vegetais predominantes em nossas aldeias: pequi,

buriti, coquinho azedo, cagaita, jatobá, aroeira, juazeiro, jurema, braúna, pau d'arco, Itapicuru, pau-jeú, jenipapo, imbu, cajueiro, cabeça de nego, barriguda, entre muitas outras.

Em nosso território na maior parte do ano o clima é seco, com um breve período chuvoso entre os meses de outubro e março. Temos observado que, em razão das mudanças climáticas ocasionadas pela ação do homem na natureza, a cada ano que passa o índice de chuvas tem diminuído, o que dificulta a produção de alimentos em nossas aldeias.

No passado, o povo Xakriabá vivenciou grandes conflitos, que resultaram em importantes perdas. Um exemplo desses conflitos é o processo de dominação executado pelo bandeirante Matias Cardoso de Almeida e os missionários religiosos que aldearam e catequizaram o nosso povo.

Além disso, ao longo de nossa história os fazendeiros invadiram nossas terras e nos proibiram de qualquer manifestação cultural como, por exemplo, o uso da nossa Língua, a realização dos nossos rituais e o cantar das nossas músicas. Associada a essa proibição objetos industrializados eram levados para as nossas aldeias tendo, com isso, sido incorporados na nossa vida cotidiana.

Toda essa opressão no passado de violência fez com que nosso povo fosse obrigado a mudar seu modo de vida e a aprender a forma de viver dos não indígenas. Com isso, tivemos muitas perdas dos nossos costumes e culturas, inclusive da nossa Língua “AKWÉ”.

Mas, mesmo diante dos muitos ataques, o povo Xakriabá não parou de lutar e de resistir para existir. Uma grande vitória nessa luta foi a demarcação da primeira parte do nosso território no ano de 1979, cuja homologação ocorreu quase dez anos mais tarde, no ano de 1988.

Um dos guerreiros nessa luta e que marca a história do povo Xakriabá foi o grande líder Rosalino Gomes de Oliveira que, junto de outros dois indígenas Xakriabá, José pereira Santana e Manoel Fiuza da Silva, infelizmente, perderam

as suas vidas em uma grande chacina que aconteceu no dia 12 /02/1987, na aldeia Sapé. Esse crime aconteceu devido à maldade e ganância dos fazendeiros em querer ocupar nosso território e acabar com as nossas riquezas naturais e nossos costumes culturais.

A Pandemia foi também um desafio histórico que tivemos que enfrentar dentro do nosso território. A Covid-19 ameaçava nossa saúde, nosso direito de convivência com as pessoas e, de muitas formas, impedia nosso povo de ir em busca dos seus direitos por saúde e educação, entre várias outras demandas.

Por outro lado, também como em outros períodos desafiadores, esse foi um momento de articulação do povo Xakriabá. As pessoas das nossas aldeias tiveram que se mobilizar para garantir que o vírus não se espalhasse de forma rápida pelo território.

Hoje podemos dizer que esse foi um tempo de muitas dificuldades que nos deixou cansados, angustiados e com medo. Mas, por meio da união e do cuidado com o próximo, conseguimos vencer mais essa luta!

### **3.2. ALDEIA SUMARÉ II**

A pesquisa aqui apresentada foi realizada na Aldeia Sumaré, que é formada três sub-aldeias, a saber: Sumaré I, II e III.

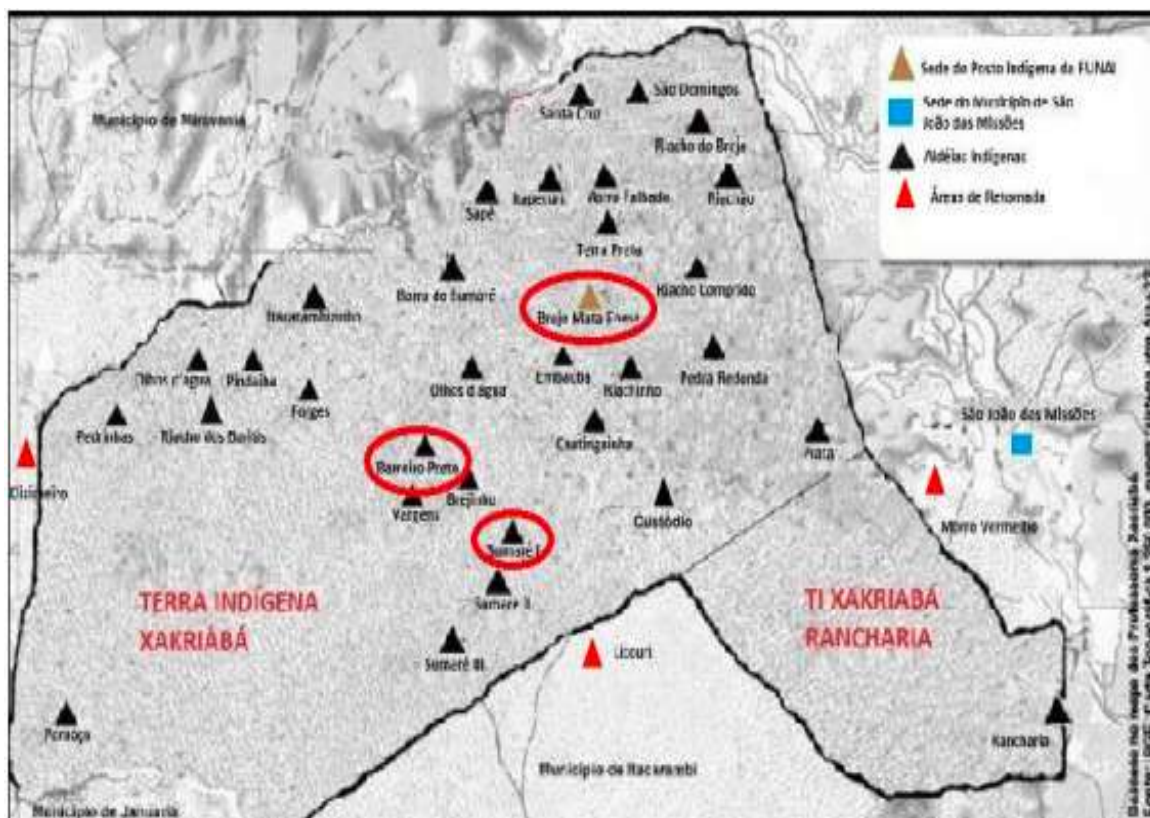


Figura 12 - Mapa aldeias Xakriabá. Fonte: Pereira (2013).

Cada aldeia tem uma liderança e uma vice-liderança que atuam de forma a atender a todas as pessoas do território. Na comunidade Sumaré II, local onde vivemos e realizamos esta pesquisa, temos como liderança Valdemir Gonçalves Leite e como vice-liderança, João Batista Pereira dos Santos.

O papel da liderança é muito importante para nós indígenas. Os nossos líderes são os nossos maiores incentivadores a nunca desistir das lutas pelo território, pelas melhorias na educação e pela nossa saúde indígena. Sob as suas orientações nos fortalecemos para conquistar direitos e, assim, para sonhar com um futuro melhor.

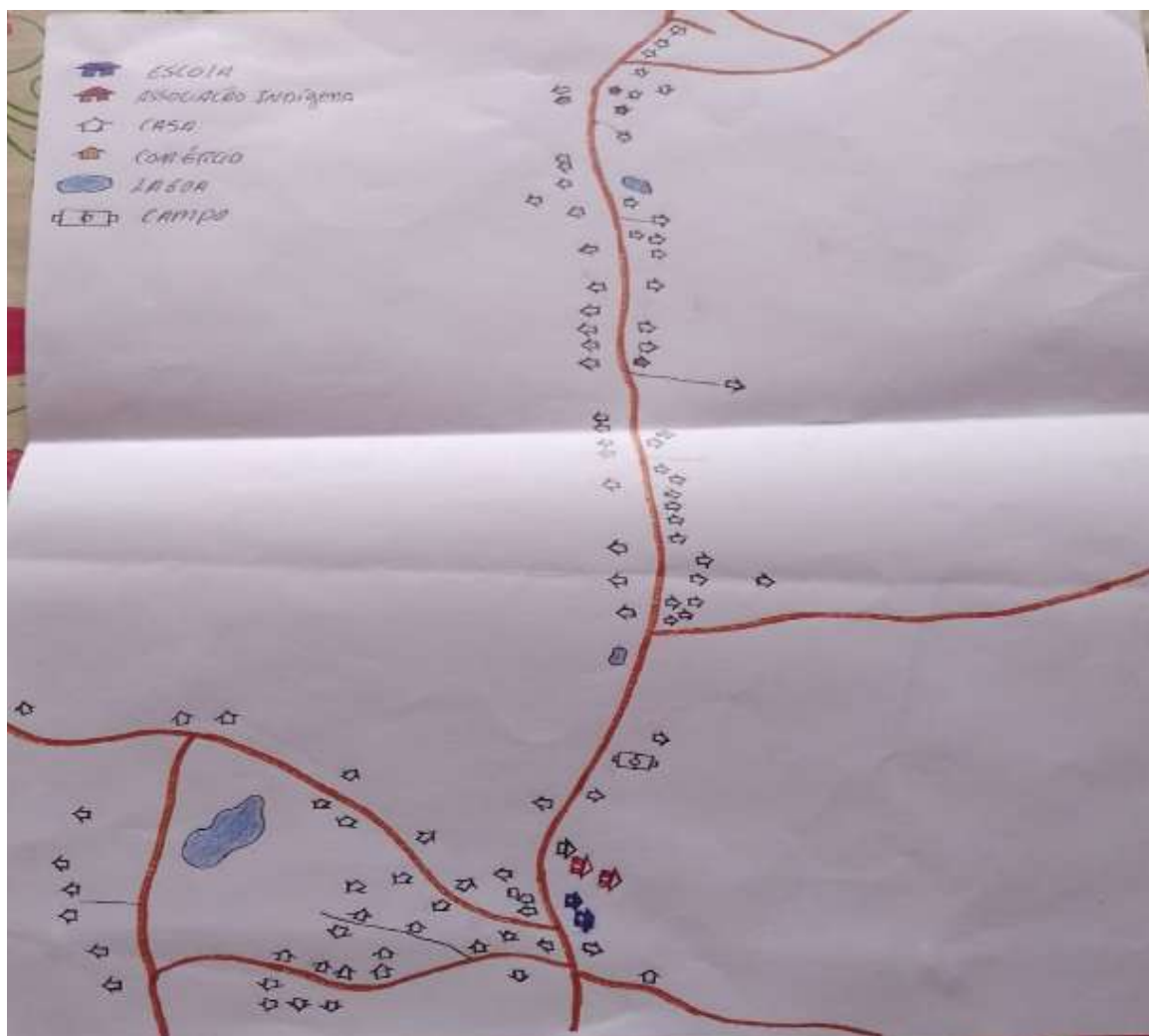


Figura 13 - Mapa Aldeia Sumaré II. Elaboração: Vanderlei Moreira Silva. Fonte: Acervo das pesquisadoras.

Na aldeia Sumaré II vivem, aproximadamente, 275 pessoas organizadas em cerca de 80 famílias.

Ali, mesmo não tendo uma colheita boa devido às mudanças climáticas e a diminuição das chuvas, as pessoas têm o costume de plantar. O que mais se planta na roça em nossa aldeia são: milho, mandioca, melancia, abóbora, feijão catador, feijão de arranca, feijão andu, caxixe e melão.

Além disso, as famílias também têm o costume de plantar nos quintais de suas casas variedades de frutos para a sua alimentação e também para realizarem pequenas trocas ou vendas. Manga rosa, manga coca, manquite, acerola,

laranja, limão, tangerina, amora, goiaba, umbu, pitomba, seriguela e mamão, são frutas comuns de serem encontrados nos quintais de casas na aldeia.

É comum também que as famílias tenham em seus quintais a criação de galinhas caipira, galinhas d'angola – essas conhecidas na aldeia por “cocá” -, porcos, entre outros animais.

Mesmo que nossas roças não tenham nos fornecido uma boa colheita no decorrer dos anos, nossos quintais nos oferecem muitas riquezas saudáveis para nossa alimentação.







*Figura 14 - Conjunto de imagens dos quintais da Aldeia Sumaré II. Fonte: Acervo das pesquisadoras.*

O plantio da mandioca se faz também ainda muito presente na aldeia Sumaré II. Muitas famílias fazem o plantio para produzir a farinha e a tapioca. Elas fazem a venda ou troca desses alimentos para ajudar em sua alimentação em casa e também para ajudar na renda familiar.





*Figura 15 - Conjunto de imagens referentes à produção de farinha no território Xakriabá. Fonte: Acervo das pesquisadoras.*

O cultivo de alimentos e a criação de animais foram muito importantes durante a Pandemia de Covid-19. Essa prática possibilitou o consumo de alimentos dos próprios quintais da aldeia e, em alguns casos, a geração de renda. Além disso, permitiu que muitos dos pais compartilhassem com as crianças e jovens os saberes envolvidos nessas práticas.

Na aldeia Sumaré II alguns espaços são de muita importância para o desenvolvimento das atividades do cotidiano das pessoas. Temos no território, por exemplo, o Posto de Saúde. Embora não tenha atendimento diário, ali realiza-se a vacinação das pessoas, campanhas de prevenção de doenças, exames, pesagem de crianças menores de cinco anos e consultas médicas e odontológicas. Esse espaço é muito importante para a nossa comunidade, uma vez que o Posto de Saúde da aldeia Sumaré I, no qual há atendimento diário, fica distante da nossa aldeia, dificultando o acesso principalmente para os mais velhos e para as gestantes.

O Postinho teve uma importância muito grande para o atendimento das pessoas na aldeia durante a Pandemia. Nesse período, os profissionais de saúde realizavam atendimento médico no local. Além disso, o espaço foi utilizado para a realização de palestras sobre os cuidados necessários para evitar o aumento de casos de Covid-19 na nossa comunidade.



*Figura 16 - Posto de Saúde. Fonte: Acervo das pesquisadoras.*

Outro espaço importante na aldeia Sumaré II é a Associação Indígena Xakriabá das Aldeias Sumaré e Peruaçu (AIXASP). A AIXASP é uma associação de agricultores que trabalha junto com os sócios para que os serviços comunitários sejam realizados todos os anos. Na Associação realiza-se a higienização dos frutos do cerrado e a transformação desses em polpas e conservas.



*Figura 17 - Conjunto de imagens da Associação Indígena Xakriabá das Aldeias Sumaré e Peruaçu - Foto 1 - Casa de reuniões; Foto 2 - Galpão armazenamento de frutos e polpas. Fonte: Acervo das pesquisadoras.*

Atualmente, temos como presidente desta Associação Anésio Gonçalves de Araújo e como vice-presidente Edilene dos Santos Araújo. Essa associação é muito importante para nossa comunidade, pois seus projetos ajudam as pessoas a produzirem renda dentro da própria aldeia. Isso só é possível devido ao trabalho em conjunto entre comunidade, lideranças e várias organizações não governamentais (ONGs) que ajudam atender as demandas da associação.

No período de Pandemia de Covid-19 as atividades presenciais da AIXASP foram interrompidas. Ainda assim, a Associação continuou contribuindo de forma muito importante com o nosso povo, pois, por meio de projetos, ela ajudou muitas famílias com a distribuição de produtos de higiene e de cestas básicas.

### **3.3. ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA BUKINUK – SUMARÉ II**

A Escola Estadual Indígena Bukinuk da aldeia Sumaré II, onde trabalhamos como professoras e realizamos a pesquisa aqui apresentada, é também um espaço muito importante para a nossa comunidade. Essa instituição está vinculada à Escola Sede<sup>2</sup>, que fica localizada na aldeia Sumaré I.

Na unidade escolar da aldeia Sumaré II, cerca de 98 estudantes estão matriculados em turmas da Educação Infantil ao Ensino Médio. Além do ensino regular, na Escola Estadual Indígena Bukinuk são oferecidas vagas no Ensino Regular e na Educação de Jovens e Adultos.

Trabalham nessa escola cerca de vinte professores que, por sua vez, atuam nas diferentes etapas da Educação Básica. Além desses, há na instituição sete educadores diretamente envolvidos com o Programa de Educação Integral<sup>3</sup>. Compõem ainda o grupo de profissionais da escola: dois coordenadores pedagógicos, uma pedagoga e oito Auxiliares de Serviços de Educação Básica (ASB).

Em nosso território, a escola funciona em um prédio antigo construído pela Prefeitura do Município de São João das Missões. O espaço conta com duas salas de aula, uma cantina, um banheiro e uma salinha com livros, computador e impressora.

---

<sup>2</sup> À Escola Sede estão vinculadas outras seis instituições. São elas: Sumaré I, Sumaré II, Sumaré III, Vargens, Peruaçu e Caraíbas

<sup>3</sup> Programa de ampliação da jornada escolar dos estudantes.



*Figura 18 - Conjunto de imagens do prédio antigo da Escola Estadual Indígena Bukinuk – Sumaré II. Fonte: acervo das pesquisadoras. Fonte: Acervo das pesquisadoras.*

Há também outro prédio, esse mais recentemente construído pelo governo de Minas Gerais, que conta com três salas de aula, uma cantina, dois banheiros e uma sala de dispensa.



*Figura 19 - Conjunto de imagens do prédio novo da Escola Estadual Indígena Bukinuk – Sumaré II.  
Fonte: Acervo das pesquisadoras.*

A escola possui uma linda horta de alimentos e mudas de remédios medicinais para uso próprio dos estudantes, professores e demais membros da comunidade. Há ainda no quintal da instituição muitas árvores, que fazem sombra para aulas ao ar livre e ainda dão frutos como goiaba e manga.

A horta da escola Sumaré II foi construída com a participação de todos os integrantes da escola. Atualmente, são os professores e alunos da educação integral que articulam o plantio e a adubação da horta juntamente aos membros da escola.



*Figura 20 - Conjunto de imagens horta Escola Estadual Indígena Bukinuk – Sumaré II. Fonte: Acervo das pesquisadoras.*

As atividades presenciais de nossa escola foram interrompidas entre os meses de março de 2020 e janeiro de 2022. Para que fosse preservada a saúde dos estudantes e de seus familiares, durante esse período foi preciso elaborar e desenvolver atividades remotas junto à comunidade escolar.

Neste trabalho, conforme anteriormente explicitado, nos interessa refletir sobre a configuração da relação família-escola durante a Pandemia de Covid-19 buscando compreender os desafios enfrentados e as forças produzidas. Antes,



entretanto, será importante melhor compreender a luta pelo direito à educação escolar indígena no povo Xakriabá.

## **IV. O DIREITO À EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E A PANDEMIA DE COVID-19**

### **4.1. O POVO XAKRIABÁ E O DIREITO À EDUCAÇÃO ESCOLAR AO LONGO DA HISTÓRIA**

A conquista da educação escolar indígena específica e diferenciada também faz parte da nossa luta de resistência. Por muitos anos nossas escolas foram mantidas pela Rede Municipal de Educação de Itacarambi, MG. Nessa época, as escolas funcionavam em situação precária, sem materiais escolares que atendessem às demandas das turmas nas aldeias. Essa situação, associada ao fato de que muitas famílias não tinham condições financeiras que possibilitassem comprar os materiais escolares para os seus filhos, resultava em dificuldades de aprendizagem para os estudantes e, em muitos casos, na evasão e no abandono escolar das crianças e jovens.

A professora Andreлина, moradora da aldeia Sumaré II, conta que nesse contexto os alunos estudavam em locais improvisados como aos pés das árvores e em casas de famílias da aldeia. E, como os espaços não dispunham de carteiras escolares, os próprios alunos ficavam responsáveis por trazer seu assento de tronco de árvore, que era feito pela própria família. Além disso, cada aluno tinha que levar sua vasilha de água, que era uma pequena cabaça.

Naquela época, a merenda era um lanche simples feito pela própria professora, uma vez que ainda não se podia contar com trabalhadoras responsáveis pela alimentação dos estudantes. Muitas vezes também faltava a merenda.

Os professores eram não-indígenas e, por causa da distância entre aldeia e cidade, eram frequentes os casos de absentismo, o que prejudicava muito os processos de aprendizagem dos estudantes.

Diante dessa situação desafiadora, lideranças e comunidade viram a necessidade de ter a formação de professores indígenas para que, assim, eles

pudessem atuar nas escolas dos territórios. Mas para conseguir a formação dos professores foi preciso lutar muito.

No início da década de 1990, quando houve a emancipação do município de São João das Missões, os professores das escolas ainda não eram indígenas. Nesse contexto, a luta não parou e as lideranças e as comunidades continuaram a reivindicar nossos direitos. Resultado dessa mobilização iniciou-se, por meio do Programa de Implantação de Escolas Indígenas (PIEI) do Estado de Minas Gerais, a primeira turma de formação de professores indígenas do Estado. Nessa época, indicadas pelo cacique Manoel Gomes de Oliveira, também conhecido como Rodrigão, muitas pessoas do povo Xakriabá participaram do curso de Magistério Indígena. O curso habilitava os professores para atuar em sua própria comunidade, com turmas de primeira a quarta série do Ensino Fundamental.

A partir de 1995, em decorrência dos movimentos, organização e uma parceria entre os povos indígenas a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG), a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e o Instituto Estadual de Florestas (IEF) deu início ao Programa de Implantação de Escolas Indígenas de Minas Gerais (PIEI/MG). Neste programa ingressaram cerca de 40 professores Xakriabá . (NEVES, 2020, p.22).

Andrelina e Iracema, moradoras da aldeia Sumaré II e professoras da escola dessa comunidade, participaram da primeira turma de formação de professores e em relato informal nos falam que era preciso viajar duas vezes ao ano para realização dos estudos no Parque Estadual do Rio Doce, que fica a muitos quilômetros de distância do território Xakriabá. Isso porque o curso, que tinha duração de quatro anos, era modular, sendo que cada módulo semestral durava, em média, trinta dias.

Em 1997, com a formação em andamento, deu-se início à contratação de professores indígenas para atuação nas escolas do nosso território. Inicialmente, tivemos muitos problemas pela não aceitação dos professores indígenas pelo então prefeito do município de São João das Missões, MG. Mas, depois de muita persistência da organização interna do povo Xakriabá junto de outros parceiros, os professores foram aceitos.

Em 1998, as escolas Xakriabá passaram a estar sob a responsabilidade do Estado de Minas Gerais. Essa foi uma reivindicação feita pelas lideranças e pela comunidade que, com força e parcerias, buscavam garantir o direito de uma educação melhor para nós indígenas.

No decorrer dos tempos, a maioria dos professores conseguiu alcançar o Ensino Superior por meio do Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FaE/UFMG), para atender as diversas etapas e níveis da Educação Básica nas escolas Xakriabá. Esse curso possui um currículo diferenciado para atender às demandas dos povos indígenas na conservação de suas culturas.

Sendo tudo isso o resultado de muita luta, hoje temos em nosso território uma educação escolar indígena diferenciada. Nela, aprendemos além dos livros, pois também buscamos o conhecimento com os mais velhos.

Além disso, nas nossas escolas os professores não apenas nos ensinam a ler e a escrever, mas também a cuidar do território e a valorizar os conhecimentos do nosso povo. Assim, as nossas escolas Xakriabá têm um modo de ensino diferenciado, pois muitos dos ensinamentos são voltados para a cultura tradicional buscando resgatar o que perdemos com o passar do tempo, fortalecer o que ainda se praticado na aldeia e valorizar nossos costumes tradicionais.

Hoje, trabalhamos como professoras na escola Bukinuk da aldeia Sumaré II e também temos a honra de estudar no curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas desde o ano de 2019. Nesse Curso tivemos a oportunidade de conhecer a UFMG e também professores e colegas maravilhosos com quem compartilhamos conhecimentos que vamos levar para toda a vida. É muito gratificante fazemos parte dessa luta no FIEI e não desistiremos de conquistar ainda mais frutos positivos para nossa educação escolar indígena!

Foram muitos desafios enfrentados pelo nosso povo para conseguir conquistar o direito a uma educação indígena diferenciada dentro das nossas escolas e com

professores da própria aldeia. Mas, com as várias reivindicações das lideranças e comunidade, hoje trabalhamos de acordo a nossa realidade e preparando nossos alunos para viver com um pé na aldeia e outro no mundo. Em nossas escolas não deixamos de ensinar os conhecimentos dos nossos anciãos, que são os nossos primeiros professores da vida .

Podemos dizer que ao longo da nossa história a garantia de uma educação escolar diferenciada para o povo Xakriabá se deu por meio de muita luta e persistência contra aqueles que tentaram derrubar os nossos direitos. E foi assim também durante o período da Pandemia de Covid-19. A união do nosso povo, das escolas e das famílias, possibilitou que não retrocedêssemos nas nossas conquistas.

#### **4.2. O DIREITO À EDUCAÇÃO ESCOLAR E A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA NA ALDEIA SUMARÉ II DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19**

A Pandemia de Covid-19 trouxe diversos problemas para o Brasil resultando na morte de mais de 700 mil pessoas<sup>4</sup> e interditando direitos já conquistados. Especificamente no campo educacional, ela aumentou as desigualdades, já que houve cortes orçamentários e o uso de tecnologias de acesso não universalizado se fez imperativo aos estudantes e educadores.

No nosso território não foi diferente. Na aldeia Xakriabá Sumaré II nós passamos por muitas dificuldades, mas a mobilização das lideranças em fazer bloqueios de controle da circulação de pessoas impediu a disseminação do coronavírus no território. Além disso, em comunidade, construímos um plano de atendimento dos estudantes de nossas escolas. Todas essas mobilizações foram imprescindíveis para superarmos os desafios impostos pela Covid-19 e para que garantíssemos os nossos direitos.

---

<sup>4</sup> Segundo dados do site do Ministério da Saúde (<https://covid.saude.gov.br/>) em 18/07/2023.

#### 4.2.1. A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA BUKINUK

A Escola Estadual Indígena Bukinuk sempre buscou manter um bom diálogo com as famílias para que juntas encontrassem estratégias para um melhor desenvolvimento dos alunos. É essa a percepção de Fernanda, educadora indígena Xakriabá e Especialista em Educação Básica da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais.

*Pesquisadoras: Como era a relação entre família e escola no contexto da Escola Estadual Indígena Xakriabá Bukinuk antes da Pandemia?*

*Fernanda: Muito boa! Sempre tivemos muitas contribuições, de acordo com as condições de cada família (Fernanda Gonçalves de Oliveira - Supervisora Pedagógica)*

Também Edilene, que é professora da instituição, entende que a comunidade da Aldeia Sumaré II sempre teve uma boa relação com a Escola. Ela inclusive dá exemplos do modo como ao longo dos anos essa parceria se configura naquele contexto.

*A comunidade do Sumaré II sempre teve uma boa relação com a escola. É uma comunidade ativa e participativa nos eventos da escola. (Edilene dos Santos Araújo - Professora).*

*Essas famílias que moram mais próximas à escola, que têm mais contato com a escola, qualquer evento rápido que tivermos, desde receber uma merenda ou algum material, essas famílias próximas estão à disposição. (Edilene dos Santos Araújo - Professora).*

A percepção da existência de uma parceria entre família e escola anteriormente à Pandemia de Covid-19 é compartilhada por Thaís, estudante do nono ano do Ensino Fundamental e por Marlene, sua mãe.

*Nossa escola e nossas famílias participavam juntas de reuniões e das práticas culturais como, por exemplo, a noite cultural que era realizada na escola todo ano antes da Pandemia. Desse evento participavam nós alunos e outras pessoas de outras aldeias,*

*compartilhando e fortalecendo a nossa aprendizagem e prática cultural. (Thais Meire de Souza Carneiro - Estudante).*

*A Escola do Sumaré II e as famílias da comunidade sempre tiveram esse diálogo para que a educação escolar dos alunos pudesse ter bons resultados. Isso, para mim, é muito importante, pois nós pais devemos estar sempre ativos na educação dos nossos filhos, ajudando na aprendizagem deles e os tornando mais seguros para ir em busca de seus objetivos. (Marlene de Souza Carneiro – Mãe estudante).*

Durante todo o processo da educação na Pandemia família e escola trabalharam coletivamente, o que foi muito importante.

#### **4.2.2. A CHEGADA DA COVID-19 E A PARCERIA FAMÍLIA-ESCOLA PELA PROTEÇÃO DA COMUNIDADE**

Com a chegada da Pandemia ao território e o grande risco de contágio na comunidade que inicialmente não contava com nenhum controle de entrada e saída das pessoas, em primeiro lugar, escola e comunidade trabalharam juntas com o objetivo de conter a disseminação do vírus. Assim, os profissionais da educação e lideranças atuaram em parceria no bloqueio das divisas do território e no compartilhamento de informações verdadeiras sobre a Covid-19 e sobre as formas de prevenção à doença.

*A chegada da Covid 19 para nós foi regada de incertezas e desafios para enfrentar. Tivemos que parar todos os trabalhos [na escola] e aguardar orientações de que forma iríamos desenvolver o nosso trabalho. Mas a mobilização das lideranças em fazer bloqueios de controle da passagem de pessoas para evitar o contágio no território se deu por meio de muita mobilização principalmente dos professores. Com isso, também veio junto a UFMG, que colaborou no monitoramento de entrada e saída de pessoas, apoiando, por exemplo, o registro em planilhas. (Fernanda Gonçalves de Oliveira - Supervisora Pedagógica)*

A produção de faixas e panfletos informativos foram algumas das estratégias utilizadas nesse trabalho coletivo.



**COMO ESTÁ SENDO FEITO**

Para que aconteça esse monitoramento, foi implementado um sistema de coleta de dados nos locais de circulação (entrada e saída) da Terra Indígena Xakriabá.

Inicialmente nos acessos principais:

- 1- Aldeia Riachãa/ Riacho do Brejo
- 2- Aldeia Sumaré III
- 3- Aldeia Prata
- 4- Aldeia Rancharia
- 5- Aldeia Olhos D'água



Fonte: Monitoramento Comunitário Terra Indígena Xakriabá

**PARA QUE?**

As informações devem servir em diferentes níveis:

- para os serviços de saúde na identificação de casos de contaminação e seu acompanhamento;
- para as lideranças terem informações para orientar suas decisões e informar as comunidades;
- para as famílias terem como se organizar e se proteger em momentos de maior intensidade de contágios.



Fonte: Monitoramento Comunitário Terra Indígena Xakriabá

Figura 21 - Conjunto de imagens de materiais informativos sobre a Covid-19. Fonte: Acervo das pesquisadoras.

No controle de entrada e saída das pessoas na comunidade, os educadores não mediram esforços e participaram, junto dos demais membros da comunidade, da orientação das pessoas da comunidade quanto à permanência em casa e aos procedimentos de higienização.





*Figura 22 - Imagens ação de controle da circulação de pessoas na aldeia Sumaré III. Fonte: Acervo das pesquisadoras.*

Nessa atividade eram utilizados equipamentos de proteção para evitar a contaminação das pessoas envolvidas.

#### **4.2.3.A CHEGADA DA COVID-19 E A PARCERIA FAMÍLIA-ESCOLA PELO DIREITO À EDUCAÇÃO**

Foram muitos os desafios enfrentados na aldeia Sumaré II, pois o povo teve que mudar a sua rotina do dia a dia para se manter seguro. Na escola não foi diferente: em 17 de março de 2020, foi preciso interromper as aulas presenciais, o que se estendeu até o início do ano de 2021.

Naquele primeiro momento, a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, por meio da Superintendência Regional de Ensino (SER) de Januária, MG, enviou propostas de atividades para os estudos dos alunos em casa. Tratavam-se de apostilas a serem impressas, mas as atividades não estavam conectadas com a educação escolar indígena e, portanto, com as realidades dos nossos alunos.

*Então durante esse tempo de Pandemia na educação a escola fez, na medida do possível, o que pode e em diálogo com a Secretaria Estadual de Educação. Assim, seguimos um pouco das orientações da Secretaria, sem deixar também a forma de trabalhar das escolas indígenas Xakriabá. Porque a gente tem uma relação bem estreita com pais e alunos então, antes de qualquer*

*trabalho que a gente executa dentro da aldeia temos essa preocupação de reunir com os pais e a comunidade para ver se aquele trabalho realmente vai surtir efeito dentro da comunidade. E mesmo depois que a gente executa o trabalho a gente reúne para ver se está dando certo. (Luciana Alexandre Leite da Cruz – Diretora).*

Diante disso, as escolas indígenas Xakriabá, junto das lideranças dos nossos povos e de outras pessoas de referência da comunidade, uniram forças, buscando seus direitos. Juntos, foi possível conseguir que as atividades fossem adaptadas de acordo a nossa realidade.

*E ao mesmo tempo foi sendo construído por Caciques, Lideranças e Direções [Escolares] um plano de atendimento específico das escolas indígenas durante a Pandemia (Fernanda Gonçalves de Oliveira - Supervisora Pedagógica).*

Sob essa perspectiva, as atividades eram elaboradas buscando dialogar com os saberes das famílias tornando, assim, mais possível que os pais auxiliassem as crianças nas tarefas propostas. Em outras palavras, de um lado, houve o movimento de se trabalhar com os conhecimentos que os estudantes estavam construindo com as suas famílias.

*A nossa metodologia foi trabalhar com o conhecimento que os alunos iam construindo junto as famílias, construindo na convivência e na aprendizagem com a família, uma vez que teríamos a participação dos alunos no dia a dia em casa. (Fernanda Gonçalves de Oliveira - Supervisora Pedagógica).*

De outro lado, houve também a busca de aproximação dos saberes escolares dos saberes dos pais.

*Aqui a estratégia que a gente desenvolveu para aproximar as famílias foi relacionar as atividades ao conhecimento que as famílias já tinham. Por exemplo, a gente colocou Matemática que já estava sendo trabalhada, mas que a partir desse momento os alunos passaram a buscar mais aquele conhecimento matemático que os pais tinham, os conhecimentos de antigamente como as formas matemáticas de medida. Na Geografia também ele passou a trabalhar mais o contexto dos nossos climas da região e a ciência das plantas medicinais. Então, a gente tentou buscar esse conhecimento que já tinha ao invés de introduzir um conhecimento*

*que às vezes os pais não iam conseguir ajudar na resolução das atividades. Então, a forma que buscamos de aproximar a família e comunidade foi essa. (Luciana Alexandre Leite da Cruz – Diretora).*

O uso da internet foi fundamental nesse momento de Pandemia. Essa foi uma das ferramentas que ajudou muito a escola e as famílias a se comunicarem.

*O acesso à internet foi fundamental para que eu pudesse ter um reforço a mais nos meus estudos, através dela eu tinha uma comunicação com meus professores sempre que eu precisava de apoio e assistência nas atividades proposta nas apostilas. Para mim, a internet nesse tempo pandêmico foi muito importante para os estudos e todos deveriam ter a oportunidade de ter esse acesso, principalmente na época da Pandemia. (Naiara Gonçalves de Araújo - Estudante)*

No entanto, nem todas as pessoas da comunidade tinham acesso a esse recurso, demandando uma outra forma de organização da escola.

*Tivemos o diálogo de diversas formas: através do WhatsApp para quem tinha e para quem não tinha, realizamos um diálogo indo nas casas das famílias respeitando-se, nessas ocasiões, o distanciamento social e as demais formas de prevenção à Covid-19. (Fernanda Gonçalves de Oliveira da Cruz – Supervisora Pedagógica).*

O processo de entrega das atividades nas casas era acompanhado da orientação aos responsáveis e às crianças.

*Uma das estratégias utilizadas pela escola foi antecipar algumas dúvidas que nós alunos e pais poderíamos ter na hora de fazer as atividades. Assim, na entrega das apostilas o professor responsável, tomando todas as medidas de segurança, já ia esclarecendo todas as atividades propostas no material, o que favoreceu bons retornos. (Marlene de Souza Carneiro - Mãe).*

A escola teve que realmente buscar estratégias para que todas as famílias e alunos tivessem o acompanhamento pedagógico necessário. Durante esse tempo, mesmo com essa orientação surgiram vários casos de famílias com dificuldades de auxiliar as crianças nas apostilas propostas. Assim, analisando as

dificuldades relatadas, os professores tiveram que se planejar e se reinventar coletivamente para buscar soluções que garantissem a esses alunos o direito de continuar seus estudos em casa. Buscou-se ajudar os estudantes até mesmo para evitar um adoecimento emocional.

Sob essa perspectiva e de acordo com as demandas dos pais, sempre que possível, os professores iam até as casas dos estudantes para realizar o acompanhamento escolar. Houve também casos em que as crianças e seus responsáveis se deslocaram para as casas dos educadores.

*Houve famílias com diferentes formas de interagir com a escola. Por exemplo, teve gente da comunidade que queria que seu filho estivesse na escola independente do tempo de Pandemia que a gente estava vivendo. Mas houve também famílias que não queriam... até mesmo depois da vacina...que não queriam retorno. Teve ainda aquelas que buscaram formas de ajudar seus filhos com outros coleguinhas ou com outras pessoas da comunidade que já tinham o conhecimento do conteúdo, pois muitos pais não são alfabetizados. Houve também pais que buscaram o professor - realmente foi na casa do professor- para estar tendo esse atendimento e outros que solicitaram a presença do professor em casa. Então foram várias as formas de buscar interação com a escola. (Luciana Alexandre Leite da Cruz – Diretora).*

É preciso destacar que muitas famílias que tinham o acesso à internet acabavam ajudando as que não tinham. Isso se deu no compartilhamento de *Wi-fi* para aquelas que tinham equipamento, mas também na circulação das informações da escola. Isso ajudou muito a escola a manter uma comunicação melhor.

É importante sublinhar ainda que a escola atuou também na perspectiva de tranquilizar os estudantes e as famílias quanto aos processos que estavam em curso.

*A escola estava sempre buscando formas estratégicas para manter nós pais de alunos confiantes para seguir o aprendizado em casa. Mesmo com as aulas online os professores não pararam de trabalhar para manter seus alunos interessados nos estudos. (Catarina Gonçalves de Araújo - Mãe).*

#### 4.2.4. DESAFIOS ENFRENTADOS

Esse foi um período que exigiu muita dedicação dos professores, que além de terem que realizar todo o planejamento pedagógico e elaboração dos materiais a serem entregues aos alunos, também tiveram que se adaptar à uma nova forma de trabalho e enfrentar as dificuldades que eram impostas pelo cenário de Pandemia. Assim, a não familiaridade com as tecnologias digitais foi um importante desafio enfrentado pelos educadores.

*A educação teve que se reinventar, usar os mecanismos tecnológicos o mesmo foi um desafio para os professores, alunos e pais já que alguns não tinha muita agilidade com a ela. (Edilene dos Santos Araújo - Professora).*

Além disso, muitas vezes os educadores tinham que utilizar dos seus próprios recursos para fazer impressões das apostilas dos alunos, pois a escola não conseguia atender a todas as demandas.

*No início da Pandemia foi bem difícil porque nós nos vimos com dificuldade no que diz respeito à elaboração de material para entregar os alunos e também com as reuniões e trabalhos remotos e o uso de tecnologias que a gente não tinha muito. Além disso, muitas vezes as impressoras das escolas também não tinham capacidade para atender a demanda de alunos na impressão de material didático. (Luciana Alexandre Leite da Cruz – Diretora).*

Esses sujeitos também tiveram que lidar com a angústia em relação ao processo de aprendizagem dos estudantes.

*Trabalhar deste modo foi muito exaustivo, pois, pessoalmente, eu sentia como se faltasse algo. O sentimento de não conseguir tirar a dúvida dos alunos por completo estava sufocando. Mesmo tentando buscar meios para explicar, como a produção de vídeos, ainda assim percebia que o aluno tinha dúvidas. (Edilene dos Santos Araújo - Professora).*

É preciso pontuar também que a Pandemia significou a instabilidade financeira e, em alguns casos, a perda de empregos para alguns educadores. Durante o período das aulas remotas não houve, por exemplo, a contratação dos

professores que trabalhavam no projeto de educação integral. Além de elevar o número de desempregos na comunidade, isso impactou negativamente o aprendizado dos alunos.

Os efeitos negativos da Pandemia sobre os processos de aprendizagem dos conteúdos escolares pelos alunos é também um desafio que aparece nas diferentes entrevistas. Além da redução do número de professores, como apontado, eles são associados pelas entrevistadas às precárias condições de acompanhamento das famílias dos conteúdos escolares e à ausência do acesso à internet.

*Um dos pontos negativos é que tivemos um retrocesso de aprendizagem das habilidades escolares dos alunos. Nós só tínhamos o recurso de entrega de atividades junto às famílias que, muitas vezes, não tinham como ensinar seus filhos. Os professores também tinham dificuldades em dar suporte através de redes sociais pois, os estudantes não tinham acesso à internet. (Fernanda Gonçalves de Oliveira da Cruz).*

#### **4.2.5. APRENDIZADOS CONSTRUÍDOS**

O conjunto de ações realizadas pela escola durante a Pandemia sob a perspectiva da construção de uma parceria junto às famílias produziu diferentes efeitos. Uma primeira repercussão diz respeito aquilo que algumas entrevistadas entenderam como “valorização da escola” pelos próprios estudantes.

*Um dos pontos positivos que pude observar foi a valorização da escola, do contexto escolar. Muitos alunos estavam pedindo para voltar para o presencial, pois eles sentiam falta da escola, falta dos colegas, dos professores e da comunidade de estar junto. Então, isso foi bom porque eles valorizaram mais. (Luciana Alexandre Leite da Cruz- Diretora)*

*O espaço e o tempo que eles tinham junto na escola, que muitas vezes eles não gostavam de estar lá, foi valorizado. Eles viram a importância da escola. (Luciana Alexandre Leite da Cruz -Diretora)*

Além disso, Fernanda avalia que a experiência vivida no formato que compartilhamos aqui produziu aproximação das famílias quanto ao processo de ensino-aprendizagem dos seus filhos.

*Os pais tiveram mais interesse em estar informados do processo de ensino-aprendizagem. Com a realização das atividades em casa eles viram como é desafiador o ensino aprendido dos alunos. (Fernanda Gonçalves de Oliveira da Cruz – Supervisora Pedagógica).*

*Passei a valorizar mais meus estudos, meus professores e os conhecimentos dos mais velhos, passei a gostar mais de fazer leituras o que me possibilita hoje a aprender muito mais. (Naiara Gonçalves de Araújo - Estudante).*

Esse trabalho conjunto resultou numa maior valorização das práticas dos educadores, conforme relatam Luciana e Catarina.

*Outra situação também foi a valorização do professor pelas famílias. Muitas vezes os professores não eram tidos como referência. A partir desse momento em que os pais começaram a tentar ensinar seus filhos suas lições, vendo a dificuldade que é de um professor está ensinando seus filhos, eles passaram a valorizar o professor. (Luciana Alexandre Leite da Cruz - Diretora).*

*A Pandemia além de mostrar para nós a importância de valorizar nossos conhecimentos e dos nossos anciãos, nos fez refletir sobre a importância da nossa coletividade e a valorizar ainda mais os professores, pois esse vírus nos mostrou como é importante as aulas presenciais. Então deixo aqui minha gratidão a todos os professores pela dedicação com os alunos. (Catarina Gonçalves de Araújo - Mãe).*

De outro lado, os saberes tradicionais, também produzidos e repassados no interior das famílias, se fortaleceram por meio das estratégias empregadas pela escola durante o período da Pandemia de Covid-19.

*Tivemos o ponto positivo no sentido que pudemos valorizar o conhecimento que os alunos construíam com os conhecimentos das próprias famílias e com a vivência e a convivência familiar. (Fernanda Gonçalves de Oliveira - Supervisora Pedagógica).*

*Essa Pandemia, de alguma forma, nos obrigou a estarmos juntos e, partir disso, a gente pode introduzir dentro do conhecimento escolar o conhecimento da comunidade. A gente pode incentivar os alunos a buscar mais esse conhecimento que os pais tinham para trazer para escola. Então, este foi um dos pontos positivos dessa Pandemia: a convivência e, através dessa convivência, a valorização do conhecimento dos pais em casa. (Luciana Alexandre Leite da Cruz - Diretora).*

Os depoimentos das estudantes reforçam a importância do árduo trabalho realizado pela família e pela escola.

*Durante a Pandemia estava muito complicado os estudos remotos, pois eu não conseguia entender muito bem as atividades. Então, eu procurava a ajuda aos meus pais e meu avô e assim eu acabava aprendendo muito com eles também. Também procurava ajuda com os meus professores, que sempre estiveram ativos a saber como eu estava nos estudos. Eles sempre conversavam comigo pelo WhatsApp para dar explicações e tentar buscar me ajudar. Isso me incentivava a não desanimar e procurar a aprender cada vez mais coisas que fortalecesse minha aprendizagem (Naiara Gonçalves de Araújo - Estudante).*

Finalmente, o conjunto de ações realizada parece ter sido coerente às demandas dos estudantes, tendo, portanto, gerado importantes efeitos sobre eles e sua relação com a escola.

*Nesse tempo fora da sala de aula eu senti muita vontade de voltar para as aulas presenciais porque a gente aprende melhor. Na aula presencial realizamos trabalhos coletivos na comunidade e nos divertimos muito com os colegas. Isso me fez refletir sobre a importância de estar na sala de aula com nossos professores (Thais Meire de Souza Carneiro - Estudante).*

*De início não estava conseguindo aprender, pois não me sentia à vontade para tirar minhas dúvidas através da internet. Isso fazia com que eu me sentisse com muito medo de não conseguir desenvolver e nem concluir o nono ano do Ensino Fundamental. Foi aí que busquei ajuda dos professores para estar me orientando nas dúvidas que iam surgindo em casa (Naiara Gonçalves de Araújo - Estudante).*

#### **4.2.6. CAMINHOS A SEREM TRILHADOS**

No mês de fevereiro de 2022, a partir da vacinação das pessoas da comunidade e da diminuição de casos da Covid-19 entre o nosso povo, mas também nacionalmente, foram retomadas as aulas presenciais na Escola Estadual Indígena Xakriabá Bukinuk.

*Com a volta às aulas presenciais e com as vacinas de todos os nossos costumes coletivos tradicionais, como a noite de história e*



*outros, estão voltando a ser realizados na nossa escola. (Thais Meire de Souza Carneiro - Estudante).*

Inicialmente, como professoras, sentimos que algumas famílias e alunos acabaram se acostumando com esse modelo de ensino e comunicação *online*, o que resultou na menor presença dos alunos nas aulas, mas também no afastamento das famílias das atividades da escola.

*As famílias já estavam se acostumando a ficar em casa e nesse ano de 2022, quando voltamos às aulas presenciais, senti um pouco o distanciamento das famílias da escola. Até a presença das famílias em reuniões diminuiu. (Edilene dos Santos Araújo - Professora).*

Diante disso, foi preciso que a escola, em conjunto com as lideranças, mobilizasse os estudantes e suas famílias para que voltassem a aderir as atividades presenciais. Para isso, foram estratégias já mobilizadas durante a Pandemia. Por exemplo, nos grupos de *WhatsApp* reforçou-se com as famílias importância do retorno das crianças e jovens às atividades presenciais.

*Com a volta às aulas nós - professores, coordenadores pedagógico, direção e lideranças - marcamos mais reuniões com os pais. Como já havíamos criado grupos nas redes sociais para informar sobre as apostilas, usamos os mesmos para passar os recados de reuniões e sempre incentivar os pais a irem na escola e a participar das reuniões. Acredito que isso seja um impacto da Pandemia. (Edilene dos Santos Araújo - Professora).*

Assim, após todo o acolhimento da escola na volta às aulas, hoje, em 2023, podemos dizer que estamos nos reestruturando. Temos enfrentado a missão de irmos, aos poucos e com muita dedicação, buscando que nossos alunos recuperem o aprendizado escolar sem, contudo, nos esquecermos dos aprendizados que a Pandemia produziu para eles e também para a própria escola. Não podemos deixar de pensar sobre a importância de uma relação próxima entre pais, professores e demais integrantes da comunidade escolar.

## **V. CONSIDERAÇÕES**

Neste trabalho buscamos pesquisar sobre como foi a relação família-escola durante o período em que os estudos estiveram em casa em função da Pandemia de Covid-19. Esse foi um período muito marcante e, por isso, não poderíamos deixar de registrar e mostrar, por meio do nosso trabalho de Percurso, como foi a trajetória escolar na nossa comunidade. Além de realizar um registro histórico, nossa intenção foi demonstrar como o trabalho conjunto foi essencial para garantir o direito à educação das crianças e jovens da nossa comunidade.

Para compreender melhor como foi esse processo de vida escolar remota, entrevistamos profissionais da educação - diretora, supervisora pedagógica e professoras, além de estudantes e mães que vivenciaram este momento. Por meio desses diálogos tivemos a oportunidade de conhecer melhor as diferentes estratégias desenvolvidas por esses sujeitos para o enfrentamento dos desafios que a Pandemia impôs para o contexto educacional.

Um dos pontos importantes do ensino remoto durante a Pandemia foi termos conseguido trabalhar de acordo com o nosso calendário sociocultural e, assim, respeitando nossos costumes e valorizando os conhecimentos tradicionais do nosso povo, entre eles a Língua Akwê. Isso só foi possível graças à parceria estabelecida entre a Escola e as famílias da nossa comunidade.

Além disso, a realização desta pesquisa nos possibilitou conhecer melhor o ambiente familiar dos nossos alunos e, assim, observar as diferentes experiências vivenciadas pelos estudantes durante a Pandemia.

Diante disso, achamos que a realização deste trabalho foi muito importante, nos dando a possibilidade de aprender muito e, em especial, de refletir sobre como é fundamental a participação ativa da família no processo de ensino-aprendizagem das crianças e jovens.

Ao final da pesquisa concluímos que as ações conjuntas entre famílias e escola foram muito importantes para manter o aprendizado dos conteúdos escolares de acordo a nossa realidade, mas também para valorizar os saberes do nosso povo. Nesse sentido, entendemos que essa parceria tem como potencial tanto assegurar o direito à educação, como de ampliá-lo.

A nossa educação escolar indígena avançou tanto que muitos alunos e professores, como nós, continuam ocupando os espaços da Universidade, mostrando que a luta dos nossos anciões continua dando muitos frutos positivos e, assim, promovendo grandes realizações profissionais. Tudo isso ainda é possível porque continuamos resistindo às dificuldades que surgem e que tentam acabar com nossos direitos.

Mesmo diante de muitas conquistas não podemos parar de lutar para melhorar ainda mais a educação escolar indígena. É preciso buscar avanços e, assim, elaborar estratégias de lutas que possibilitem, inclusive, que continuemos a estudar na Universidade.

Este trabalho resume um momento muito importante vivenciado pela escola e comunidade Xakriabá. Os desafios que a Pandemia colocou à seguridade do direito à educação foram enfrentados pelo nosso povo com muita parceria entre escola e famílias, ambos buscando, com muita luta e resistência, que nossas crianças e jovens fossem atendidos da melhor forma possível.

## REFÊRENCIAS

ARAÚJO, Edilene dos Santos. **Análise de uma atividade a partir do calendário sociocultural numa escola da aldeia indígena da Prata, povo Xakriabá.** 2018. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Habilitação em Matemática.

CRUZ, Fernanda Gonçalves de Oliveira da. **A experiência de implementação do Calendário de Acompanhamento da Natureza e da Vida do Povo Xakriabá e o olhar dos professores sobre as práticas pedagógicas nas escolas onde atuam.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **O Tempo passa e a História Fica.** Índios Xacriabá. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, 1997.

NEVES, Eliane Pereira de Araujo; SILVA, Maria Xavier de Oliveira da. **Escola indígena Oaytomorim: relação com o território xakriabá e práticas educativas interculturais.** 2020. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação em Língua, Artes e Literatura.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Orientador: Shirley Aparecida de Miranda.

PGTA: Plano de gestão Territorial e Ambiental das terras Indígenas Xakriabá, 2016

## **ANEXOS**

### **ANEXO I – ROTEIRO ENTREVISTA EDUCADORES - PROFESSORES, DIRETORA E SUPERVISORA**

#### **I. Identificação**

Nome:

Idade:

Atua como professor(a) há quanto tempo?

Há quanto tempo é professor(a) na Escola Estadual Indígena Xakriabá Bukinuk – Sumaré 2?

#### **II. Escola Estadual Indígena Xakriabá Bukinuk – Sumaré 2**

Você poderia me contar a história da Escola Estadual Indígena Xakriabá Bukinuk? (Buscar contemplar a relação da escola com a comunidade)

#### **III. Escola Estadual Indígena Xakriabá Bukinuk – Sumaré 2 e Pandemia de Covid-19**

Como foi a chegada da Covid-19 na escola? (Resgatar a história inicial – sentimentos: medos, tensões, insatisfações; forma de funcionamento da escola)

O que foi e o que tem sido feito pela escola para atendimento dos estudantes ao longo desses dois anos de Pandemia? (Pensar no processo: como era no início, como foi se configurando, como está agora... Lembrar de contemplar: elaboração de materiais; uso de tecnologias; realização de reuniões remotas junto às famílias; visitas aos alunos para auxílio nas atividades; realização de pequenos grupos; busca ativa de estudantes, além de outras estratégias.)

Você desenvolveu metodologias específicas com seus alunos durante este período? Se sim, quais?

Qual(is) fo/ram, em sua opinião, a/s maior/es dificuldades enfrentadas no que diz respeito ao ensino durante a Pandemia? (Perguntar sobre as dificuldades enfrentadas pelos educadores; pelas famílias e pela escola)

No seu ponto de vista, o ensino remoto teve algum ponto positivo? Qual(is)?

#### **IV. Relação família-escola na Pandemia de Covid-19**

Como era a relação entre família e escola no contexto da Escola Estadual Indígena Xakriabá Bukinuk antes da Pandemia?

As ações desenvolvidas pela escola e por você durante a Pandemia dependiam da colaboração das famílias? Sem sim, de que forma?

Você identifica estratégias utilizadas pela escola para se aproximar das famílias durante a Pandemia? Se sim, quais? (Perguntar sobre formas de acompanhamento das atividades junto às crianças e suas famílias; diálogos com os pais...).

Você identifica estratégias utilizadas pelas famílias para se aproximarem da escola durante a Pandemia? Se sim, quais? (Perguntar sobre formas de acompanhamento das atividades junto aos estudantes; diálogos com educadores...)

Houve famílias com diferentes formas de interação com a escola? Se sim, em sua opinião, o que justifica essa diversidade?

Em sua opinião, na Escola Estadual Indígena Xakriabá Bukinuk a Pandemia impactou / reconfigurou / modificou a relação família-escola? Se sim, dê exemplos que justifiquem a sua percepção. (Entender se avalia que a interação entre família e escola diminuiu ou aumentou durante este período)

Quais os desdobramento/impactos dessa “nova” configuração da relação família-escola para os pais, para os educadores e para estudantes? Há algo que precisa melhorar nesta relação?

Em sua opinião, a Pandemia de Covid-19 deixou lições / legados para a relação família-escola na Escola Estadual Indígena Xakriabá Bukinuk? Se sim, quais?

## **ANEXO II – ROTEIRO ENTREVISTA PAIS/ MÃES**

### **I. Identificação**

Nome:

Idade:

Profissão:

Estudante(s) por quem é responsável (nome, etapa da educação básica em que está matriculado(a) e tempo de inserção na Escola Estadual Indígena Xakriabá Bukinuk):

### **II. Escola Estadual Indígena Xakriabá Bukinuk – Sumaré 2**

Você poderia me contar a história da Escola Estadual Indígena Xakriabá Bukinuk? (Buscar contemplar a relação da escola com a comunidade e com as famílias )

### **III. Escola Estadual Indígena Xakriabá Bukinuk – Sumaré 2 e ensino remoto durante a Pandemia de Covid-19**

Como foi a chegada da Covid-19 na comunidade? (Resgatar a história inicial – sentimentos: medos, tensões, insatisfações; forma de funcionamento da escola)

O que foi e o que tem sido feito pela escola para atendimento dos estudantes ao longo da Pandemia? (Pensar no processo: como era no início, como foi se configurando e como está agora. Lembrar de contemplar: elaboração de materiais; uso de tecnologias; realização de reuniões remotas junto às famílias; visitas aos alunos para auxílio nas atividades; realização de pequenos grupos; busca ativa de estudantes, além de outras estratégias.)

O/a professor/a do seu filho/a desenvolveu metodologias de ensino diferenciada durante este período? Se sim, quais?



Qual/is fo/ram, em sua opinião, a/s maior/es dificuldades enfrentadas no que diz respeito ao ensino durante a Pandemia? (Perguntar sobre as dificuldades enfrentadas pelos educadores, pelos estudantes e pelos pais)

No seu ponto de vista, o ensino remoto teve algum ponto positivo? Qual(is)?

#### **IV. Relação família-escola na Pandemia de Covid-19**

Como era a relação entre família e escola no contexto da Escola Estadual Indígena Xakriabá Bukinuk antes da Pandemia?

As ações desenvolvidas pela escola durante a Pandemia dependiam da colaboração das famílias? Sem sim, de que forma?

Como você acompanhou a vida escolar do/a seu/ua filho/a durante a Pandemia?

O ensino remoto impactou a sua dinâmica familiar? Se sim, como?

Em sua opinião, a Pandemia impactou / reconfigurou / modificou a sua relação e de outros familiares de estudantes com a escola? (Entender se avalia que a interação entre família e escola diminuiu ou aumentou durante este período)

Quais são, em sua opinião, os impactos ou os efeitos dessa “nova” configuração da relação família-escola para os pais, para os educadores e para os próprios estudantes? Há algo que precisa melhorar nesta relação?

Em sua opinião, a Pandemia de Covid-19 / o ensino em casa deixou lições / legados para a relação família-escola na Escola Estadual Indígena Xakriabá Bukinuk? Se sim, quais?

## **ANEXO III – ROTEIRO ENTREVISTA ESTUDANTES**

### **I. Identificação**

Nome:

Idade:

Etapa da educação básica em que está matriculado(a):

### **II. Escola Estadual Indígena Xakriabá Bukinuk – Sumaré 2**

O que você pensa sobre a Escola Estadual Indígena Xakriabá Bukinuk? (Buscar entender a relação do/a estudante com a escola; o que mais e menos gosta)

### **III. Escola Estadual Indígena Xakriabá Bukinuk – Sumaré 2 e ensino remoto durante a Pandemia de Covid-19**

Como foi a chegada da Covid-19 na comunidade? (Resgatar a história inicial – sentimentos: medos, tensões, insatisfações; forma de funcionamento da escola)

O que foi e o que tem sido feito pela escola para atendimento dos estudantes ao longo da Pandemia? (Pensar no processo: como era no início, como foi se configurando e como está agora. Lembrar de contemplar: elaboração de materiais; uso de tecnologias; realização de reuniões remotas junto às famílias; visitas aos alunos para auxílio nas atividades; realização de pequenos grupos; busca ativa de estudantes, além de outras estratégias.)

Seu/ua professor/a desenvolveu metodologias de ensino específicas durante este período? Se sim, quais?

Em sua opinião, o que foi mais difícil no ensino remoto? (Perguntar sobre as dificuldades enfrentadas pelos educadores, pelos pais e pelos estudantes, incluindo ele/a próprio/a)

No seu ponto de vista, o ensino remoto teve algum ponto positivo? Qual(is)?

#### **IV. Relação família-escola na Pandemia de Covid-19**

Durante a Pandemia, como foi a sua dinâmica de estudos? (Perguntar sobre: materiais utilizados; acesso e entrega dos materiais).

Para realizar as atividades escolares durante a Pandemia você contava com o auxílio de algum familiar? Se sim, como isso acontecia?

Durante a Pandemia, seus pais e professores conversavam sobre as suas dúvidas? Se sim, de que forma?

Você acha que os seus pais e professores se aproximaram durante a Pandemia? Se sim, de que forma?

Você acha que diálogo entre professores e pais foi importante para a sua aprendizagem durante a Pandemia? Se sim, por quê?

## **ANEXO IV - PLANO DE FUNCIONAMENTO DAS ESCOLAS INDIGENAS XAKRIABÁ DURANTE O PERÍODO DE PANDEMIA**

### **INTRODUÇÃO**

Neste ano de 2020, com a suspensão das aulas presenciais devido à Pandemia do Covid-19, o cenário extraordinário de isolamento social trouxe para o mundo a necessidade de adotar medidas excepcionais. Tendo em mente a necessidade da continuidade aos estudos, a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG) elaborou o Regime de Estudo Não Presencial para alunos da rede estadual de ensino.

Instituído pela Resolução SEE nº 4310, de 17 de abril de 2020, o Regime Especial de Atividades Não Presenciais, constitui-se de procedimentos específicos, meios e formas de organização das atividades escolares obrigatórias destinadas ao cumprimento das horas letivas legalmente estabelecidas, à garantia das aprendizagens dos estudantes e ao cumprimento das Propostas Pedagógicas, durante o período de suspensão das atividades escolares presenciais.

Diante disso em conformidade com a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que garante o processo de consulta livre, prévia e informada aos povos indígenas, foi decidido em diálogo com os Caciques, Lideranças e comunidade escolar que seria construído e elaborado nosso próprio Plano de Estudo alicerçado em nossas matrizes curriculares Xakriabá, já aprovadas nas escolas indígenas cujo objetivo é fortalecer nossas bases e a nossa escola e comunidade de fato como acontece e como buscamos. Uma vez que temos um compromisso ímpar com ensino aprendizagem diferenciado proporcionando o conhecimento de mundo a partir do nosso, o conhecimento com o pé na aldeia e o pé no mundo, respeitando o nosso tempo e maneiras de ser, buscamos sempre consolidar como processo de aprendizagem a vivência na comunidade, o currículo não está preso ao papel em grades das tabelas está no território, vivenciar, observar e compreender a nossa territorialidade e o bem viver.

E ainda esse funcionamento próprio no contexto da Pandemia. O plano de funcionamento que elaboramos tem como base a Lei 23.177/2018 que cria a Categoria Escola Indígenas no Estado de Minas Gerais.

### **LEI Nº 23.177, DE 21 DE DEZEMBRO DE 2018.**

Altera a Lei nº 22.445, de 22 de dezembro de 2016, que dispõe sobre a educação escolar indígena no Estado.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE MINAS GERAIS,

O Povo do Estado de Minas Gerais, por seus representantes, decretou e eu, em seu nome, promulgo a seguinte lei: Art. 1º – Fica acrescentado ao art. 3º da Lei nº 22.445, de 22 de dezembro de 2016, o seguinte inciso VIII:

“Art. 3º – (...)

VIII – contribuir para o bem viver da comunidade indígena e para a preservação de seu território e dos recursos nele existentes.”.

Art. 2º – Ficam acrescentados à Lei nº 22.445, de 2016, os seguintes arts. 5º-A a 5º-D:

“Art. 5º-A – Fica criada a categoria Escola Indígena, no âmbito do Sistema Estadual de Educação, para o atendimento educacional dos povos e das comunidades indígenas no Estado, de modo a garantir a utilização de suas línguas maternas e o desenvolvimento de projetos educacionais, práticas pedagógicas e processos próprios de aprendizagem, em todas as etapas e modalidades da educação básica.

§ 1º – Integram a categoria Escola Indígena os estabelecimentos de ensino já constituídos como

Escola Indígena e aqueles a serem instituídos nos termos desta lei, por reivindicação ou iniciativa da comunidade interessada, ou com sua anuência.

§ 2º – A Escola Indígena será implantada em terras habitadas pela comunidade indígena a ser atendida.

Art. 5º-B – A Escola Indígena poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, com alternância regular de períodos

de estudos, ou de forma diversa, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar.

Parágrafo único – O currículo da Escola Indígena será intercultural e bilíngue, terá como fundamento o ensino da língua indígena como primeira língua e observará os saberes e as práticas tradicionais de cada comunidade indígena, de forma a valorizar a oralidade, os idiomas e a história indígenas.

Art. 5º-C – As atividades de docência da Escola Indígena serão exercidas por professor indígena oriundo da própria comunidade.

§ 1º – Na hipótese de não haver professor indígena oriundo da própria comunidade, atuará na Escola Indígena como docente professor indígena oriundo de outra comunidade indígena.

§ 2º – Na hipótese de não haver professor indígena oriundo da própria comunidade e de outra comunidade indígena, atuará na Escola Indígena como docente professor não indígena, desde que haja anuência formal das lideranças tradicionais e da respectiva comunidade.

Art. 5º-D – Ao município que dispuser de condições técnicas e financeiras adequadas será facultada, em regime de colaboração com o Estado, a oferta da educação escolar indígena, nos termos desta lei.”.

Art. 3º – A ementa da Lei nº 22.445, de 2016, passa a ser: “Dispõe sobre a educação escolar indígena no Estado e cria a categoria Escola Indígena”.

Art. 4º – Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, aos 21 de dezembro de 2018; 230º da Inconfidência Mineira e 197º da Independência do Brasil.

FERNANDO DAMATA PIMENTEL

E também em consonância com a **Resolução 4254 de** que dispõe normas para o calendário das escolas estaduais de Minas Gerais, em conformidade com Art.4 diz que as escolas do campo indígenas, quilombolas poderão elaborar o calendário diferenciado, considerando as especificidades das comunidades locais.

Buscaremos realizar deste modo à educação indígena, no processo de ensino e aprendizagem, considerando outros espaços e outros tempos como forma de ensinar e aprender, uma vez que a escola ultrapassa a dimensão das paredes, a escola está em vários lugares, estão e são as próprias pessoas.

Para o desenvolvimento das atividades não presenciais, será considerado a vivência e convivência familiar, ofertando aos estudantes atividades de estudo com a família, organizado de acordo com o Referencial Curricular das Escolas Indígenas e Matrizes Curriculares das Escolas Indígenas. As Atividades de estudo com a família, consiste em um instrumento de aprendizagem que visa permitir ao estudante, a sua vivência com sua família ou dentro da sua aldeia, uma vez visando tanto as atividades que estão presentes no seu dia a dia no ambiente familiar e comunitário, que por sua vez se baseia também em tudo que está acontecendo no território, exemplo disso o monitoramento comunitário que está sendo primordial para o enfrentamento da Pandemia do Covid-19.

Essas atividades estão baseadas nas matrizes e contemplam o aprendizado do terra/aula uma vez que buscamos sempre significar a aprendizagem, que também não descartam os conhecimentos desenvolvidos nos diversos componentes curriculares, de forma colaborativa entre professores e famílias, possibilitando ainda, o registro e o cômputo da carga horária semanal de atividade escolar vivida pelo estudante.

Nossas escolas, guiando-se pelas orientações construídas pelas Escolas Indígenas Xakriabá em diálogo com a Secretaria de Estado de Educação bem como SRE de Januária-MG serão desenvolvidas atividades da seguinte forma:

<b>AÇÕES</b>	<b>FINALIDADE</b>	<b>ACOMPANHAMENTO</b>	<b>ANDAMENTO</b>
Calendário sociocultural: estabelecimento de calendário referente às práticas culturais Xakriabá.	Garantir a elaboração de atividades viabilizando a interculturalidade entre práticas culturais, os componentes curriculares das Matrizes das escolas Xakriabá bem como os conteúdos escolares, e a serem realizadas com escola e comunidade durante as atividades de estudo com a família.	Através dos eventos que são realizados e registros (fotos, filmagens, etc.).	Periodicamente
Atividades de estudo com a família específico relacionado às vivências e convivência familiar e comunitária bem como as Matrizes Curriculares Xakriabá de acordo com as especificidades e demanda das Escolas Indígenas Xakriabá	Garantir que o aluno possa ter acesso aos conhecimentos com a família intercalados com os conhecimentos escolares que estão previstos nas Matrizes Curriculares Xakriabá da qual perpassa todos os conhecimentos produzidos neste momento de implantação de um novo funcionamento das Escolas Indígenas Xakriabá. Que na verdade já vinha sendo realizado no que chamamos terra/aula feitos nas aulas presenciais.	Verificar se todos os alunos estão tendo acesso às atividades de estudo com a família e após sua devolutiva realizar o processo de resignificação da aprendizagem e dessas atividades. Diante da devolutiva será condicionada a flexibilidade diante das condições ou realidade do avanço dos casos no Território.	Mensal
Reuniões, conversas on-line com professores. Através de Google Meet, Hangouts, Whatsapp, etc. Dentre as dificuldades de internet fazendo atendimento individual ou com pequenos grupos.	Garantir a comunicação e planejamento das Atividades de Estudo com a família.	Através da presença nas reuniões on-line e estabelecer atividades necessárias para o desenvolvimento das atividades de entrega dos trabalhos solicitados nas reuniões.	Periodicamente

Memorial: construção de memórias orais. O que aprendeu com o tempo em família durante o isolamento social.	O território é um lugar fértil para acesso ao conhecimento. Aprender com a família.	Através de caderno Memorial entregue no retorno as aulas presenciais.	Retorno das aulas presenciais
Participação dos servidores da Educação no Monitoramento Comunitário Xakriaba em combate a Pandemia Covid-19.	Contribuir para funcionamento e articulação do Monitoramento Comunitário Xakriabá diante das demandas e necessidades para o enfrentamento, prevenção e combate ao Covid 19 dentro do território. Com o acompanhamento Cacique e Lideranças.	Através do computo da carga horária dos servidores diante do Teletrabalho sendo eles articuladores das informações e importância as ações.	Periodicamente durante a Pandemia
Preenchimento de fichas para comprovação de carga horária do servidor.	Seja preenchido de acordo com a realidade sociocultural, no Calendário próprio, e organização interna, respeitando a vivência e convivência da família em comunidade.	Envolvimento da equipe escolar, as lideranças e comunidade, sendo um conjunto e atores que estão presente no desenvolvimento das atividades, bem como sujeito as mudanças sempre que necessária.	Mensal sujeito a mudanças se necessário
Diálogo entre a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais e Superintendência Regional de Ensino – SRE com Caciques, Lideranças juntamente com escolas indígenas Xakriabá e diante das ações, demandas e decisões.	Garantir o alinhamento das ações, demandas e decisões em relação ao funcionamento e atividades durante o período da Pandemia.	Comissão de Educação Xakriabá.	Periodicamente
Garantir a permanência das inversões das Matrizes Curriculares das Escolas Indígenas Xakriabá no SIMADE	Garantir que o Sistema seja adaptado de modo que atenda as especificidades das nossas escolas Indígenas	Secretaria de Estado de Educação, SRE e Escolas Indígenas Xakriabá.	Periodicamente



Criar juntamente com a Comissão Estadual de Educação Escolar Indígena um comporta de quadro de pessoal específico para as Escolas Indígenas de modo que venha atender a demanda e a realidade das escolas indígenas.	Efetivar o atendimento específico aos alunos indígenas considerando a organização geográficas que as escolas indígenas.	Secretaria de Estado de Educação, SER e Comissão Estadual da Educação Escolar Indígena.	Antes do Início do Ano escolar
--	---	---	--------------------------------

Território Indígena Xakriabá – São João das Missões – Minas Gerais

**Atenciosamente,**

Wellton de Oliveira Lato

JOAO LAVAICANTEBELEPPA

Edilson Ferreira Araujo

Alvaro Alves de Barros

João Leite Albuquerque

Diana Pereira de Araujo Rocha

Helio Carlos Macedo de Oliveira

Amelinda Bizerra da Silva Oliveira

Elaine Pereira de Araujo Alves

Rosamere Gonçalves da Silva

Suzionira de Sousa Lopes

OSBERT P. ALMEIDA DE OLIVEIRA

Luciana Alexandre Lute da Cruz

Edna Alves de Barros

Mariela Lapa de Oliveira

Jeruana Jaramos da Costa Silva

João Batista de Santos

João dos Reis Lopes da Silva

Santo Eustáquio Barbosa

Domingos Gonçalves de Oliveira

Marcelo José da Silva

JOÃO PEREIRA DE SOUSA

Gracielly Pinheiro de Macedo

Elson Alves dos Santos

Agostinho Lopes da Conceição

Julio Cesar Lopes de Oliveira

Sandra Nunes Correia

Sergio Oliveira

Wagner da Souza Santos